



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

**ALINE MARIA PITA LUZ**

**O COMÉRCIO INTERNACIONAL DE SERVIÇOS DO BRASIL**

**SALVADOR  
2007**

**ALINE MARIA PITA LUZ**

**O COMÉRCIO INTERNACIONAL DE SERVIÇOS DO BRASIL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado no curso de graduação de Economia da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Economia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Celeste Maria Philigret Baptista

**SALVADOR  
2007**

## **RESUMO**

Este trabalho constitui-se num estudo sobre o desempenho do comércio externo brasileiro de serviços. O setor de serviços, historicamente, foi marginalizado dentro dos estudos e economia e o setor ainda hoje é definido em termos residuais, ou seja, tudo aquilo que não pertence às atividades agropecuárias ou à manufatura. Entretanto o crescimento da participação do setor na criação de empregos e do valor agregado aliado à expansão do comércio internacional de serviços estimula a busca por um maior entendimento sobre as especialidades das atividades de serviço. O comércio externo de serviços brasileiro apresenta, ao longo dos últimos anos, melhores resultados mais ainda pouco expressivos na comparação com o resto do mundo. Desse modo é de grande relevância o desenvolvimento de estudos que possam contribuir para a elaboração de políticas públicas para o setor.

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b>	5
2	<b>COMÉRCIO INTERNACIONAL DE SERVIÇOS</b>	8
2.1	GATS	12
2.2	PANORAMA GERAL	15
3	<b>O COMÉRCIO EXTERNO DE SERVIÇOS DO BRASIL</b>	22
4.	<b>PROBLEMÁTICA DO COMÉRCIO DE SERVIÇOS DO BRASIL</b>	37
4.1	ASPECTOS ECONOMICOS	37
4.2	ASPECTOS ORGANIZACIONAIS ESTRUTURAI	46
5.	<b>CONCLUSÃO</b>	51
	<b>REFERENCIAS</b>	54

## 1 INTRODUÇÃO

Por muito tempo acreditava-se que apenas o trabalho na agricultura e na indústria era capaz de produzir alguma riqueza. Os serviços foram considerados improdutivos, sobretudo pelo seu caráter de produção e consumo simultâneo sendo, portanto, retirados do debate central do pensamento econômico. Porém, com o passar do tempo, os serviços alcançaram destaque e hoje despontam com privilégio no debate econômico e os países que detêm vantagens competitivas em serviços desfrutam de benefícios advindos do elevado valor agregado proporcionado por este setor, sobretudo no comércio externo no qual atualmente detém um elevado crescimento relativo.

O comércio exterior de serviços a partir da década de 80 vem apresentando crescimento significativo. Movimenta um mercado dinâmico associado a setores cuja participação na economia mundial é crescente como serviços de lazer, computação e informática. Esse crescimento deu-se, principalmente, como resultado do progresso técnico, que atingiu as áreas de transportes e telecomunicações, somados à adesão a marcos regulatórios menos restritivos pelos países desenvolvidos.

O tema do comércio de serviços ganhou destaque na década de 1980 na Rodada do Uruguai que estimulou a iniciativa de liberalização do setor. Como as transações de serviços são operações mais complexas do que as realizadas com outras mercadorias e incide sobre as mesmas um grande número de regulamentações nacionais destinadas a proteger os interesses diversos em cada país, os obstáculos ao comércio de serviços são muitos, suscitando a necessidade de normas internacionais próprias e a criação do Acordo Geral sobre o Comércio de Serviços (GATS na sigla em inglês) em 1994.

Assim, o comércio internacional de serviços desponta como um novo filão para o desenvolvimento econômico mundial. É uma área em forte expansão, gerando sucessivos debates na comunidade internacional como, por exemplo, a criação da Rodada de Doha, que, entre outros aspectos, pretende aprofundar estudos sobre o tema.

O Brasil, por sua vez, apresenta pequeno volume de comércio e saldos deficitários. O país concentra seu debate de política comercial nos fluxos de mercadorias e dessa forma não consegue seguir a forte tendência de expansão observada no comércio mundial. A

conta serviços sempre foi deficitária apesar de apresentar ao longo dos anos melhores resultados em diversos itens. As exportações de serviços de 2006 apresentaram um crescimento de 20,8%<sup>1</sup> em relação a 2005 registrando US\$ 17,9 bilhões, enquanto as importações cresceram 21,2% chegando a US\$ 27,1 bilhões no mesmo período. O país ocupa a 30ª posição dentre os principais exportadores com 0,7% das exportações mundiais de serviços. Desse modo, o desempenho da corrente de comércio brasileiro de serviços ainda é muito tímido apesar de nos últimos anos haver uma percepção, por parte de economistas e empresários do setor, de que o Brasil possui vantagens comparativas em alguns setores de serviços e que pode desenvolver um maior dinamismo nos fluxos comerciais.

As principais indagações que norteiam o debate sobre serviços no país questionam quais as principais razões do fraco desempenho brasileiro. Quais os motivos que fazem o Brasil não acompanhar o crescimento deste tipo de comércio, diferentemente de outros países, também em desenvolvimento como a Índia, Coréia do Sul e a Malásia.

Um estudo dos principais problemas no comércio de serviços procurando investigar o que falta ao país para se tornar competitivo e a elaboração de uma estratégia de desenvolvimento no setor são de grande relevância e utilidade prática para o país, já que o comércio de serviços se configura como uma alternativa para o desenvolvimento econômico.

A hipótese levantada neste trabalho é que o planejamento e formulação da política econômica de comércio exterior brasileira, centrada no comércio de mercadorias, ao longo dos anos, contribuiu para minimizar os avanços na área de serviços sendo para esta reservada apenas papel secundário na formulação de políticas de fomento ao comércio externo. A falta de medidas específicas necessárias à produção de serviços estratégicos até os dias de hoje é uma das razões para o seu lento crescimento bem como, o insuficiente sistema de financiamento e a elevada carga tributária que incide sobre o setor. O setor de serviços, apesar de ser responsável por parcela significativa do Produto Interno Bruto (PIB) configura-se como um dos setores mais onerados do país.

---

<sup>1</sup> Dados retirados do Panorama Do Comércio Internacional de Serviços elaborado pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comercio Exterior em 2006.

Além disso, a existência de uma cultura difundida onde empregos em serviços são considerados como um tipo de trabalho inferior inibe, o investimento e a iniciativa para o crescimento dos mesmos resultando numa falta de visão estratégica.

A promoção das exportações de serviços deve ser parte integrante da política de comércio exterior do Brasil. O desenvolvimento e expansão do comércio exterior de serviços configuram alternativa viável para a manutenção dos superávits em transações correntes, diversificando a pauta de exportações e minimizando a dependência do agronegócio que por sua vez precisa contar com bons preços das *commodities*, e, desta forma, diminuir a vulnerabilidade externa.

Assim, nas próximas seções serão abordadas questões referentes ao comércio internacional de serviços brasileiro. A primeira seção apresenta os principais dados sobre o comércio internacional de serviços. A segunda seção expõe o desempenho do comércio externo de serviços do Brasil, e a terceira seção mostra os principais problemas observados para a expansão dos fluxos nacionais de comércio de serviços. A última seção apresenta as principais conclusões.

## 2 COMÉRCIO INTERNACIONAL DE SERVIÇOS

A concepção das atividades terciárias como geradoras de produto e riqueza evoluiu historicamente de forma paralela à própria relevância dessas atividades no contexto da estrutura econômica. Mudança de percepção onde se passou de uma visão dos serviços enquanto uma espécie de freio aos incrementos da produtividade agregada para uma percepção desse setor como elemento dinamizador das chamadas economias pós-industriais.

Nas últimas décadas as transações internacionais de serviços apresentaram uma expansão vigorosa semelhante à registrada no comércio de bens, demonstrando claramente a reestruturação da economia mundial, à medida que esta faz a passagem da economia de produção de bens para a economia de execução de serviços. Os serviços aparecem como o grande vetor de inovação e desenvolvimento, justificando a relevância de estudos para a elaboração de políticas nacionais que viabilizem a expansão do setor principalmente em países emergentes. (KON, 2004)

Três fatores podem ser apontados para o surto de crescimento observado nos últimos anos no comércio internacional de serviços. Inicialmente desenvolvimento tecnológico principalmente nas áreas de transportes e comunicações, seguido de uma tendência de desregulamentação das atividades econômicas (quebra de monopólio, privatização) e também os processos de terceirização observados nas empresas industriais que estimulam a busca de fornecedores de serviços em mercados internacionais.

Além disso, os países industrializados por sentirem uma crescente pressão no comércio de bens passaram a mostrar grande interesse nos benefícios da desregulamentação do comércio internacional dos serviços. Por outro lado, os países em desenvolvimento buscam formas de regulamentar os segmentos que já foram ou poderiam vir a ser ocupados por empresas estrangeiras instaladas nestes países.

Desse modo, o debate sobre o comércio mundial de serviços se intensificou na década de 1980, já associado às negociações da Rodada do Uruguai. Liderados pelos Estados Unidos, os países desenvolvidos vincularam a abertura de uma nova rodada de negociações internacionais à inclusão de novos temas dentre os quais serviços.



Desde o primeiro momento muitos países em desenvolvimento sentiram-se ameaçados, pois entenderam que esta proposta iria colocar temas de interesse do âmbito das mercadorias em segundo plano. Argumentam que as discussões acerca dos serviços desviam as atenções sobre os debates do comércio de bens, sobretudo produtos agrícolas, e suscitariam a possibilidade de represálias nestas transações por partes dos países desenvolvidos. Além disso, acreditam que os benefícios do comércio de serviços seriam exclusivos dos países desenvolvidos, visto que, os países em desenvolvimento não detinham vantagens comparativas nessa área. A abertura precoce do segmento poderia acarretar um encolhimento dos serviços domésticos antes de eles terem adquirido um nível de competitividade suficiente.

Por outro lado, segundo o GATS a liberalização deve ser progressiva, não constituindo um fim em si, mas sim um meio de promover o crescimento mundial. Desde então se tem dado grande enfoque aos possíveis custos e benefícios da liberalização do acesso ao setor de serviços nos mercados domésticos.

A inclusão do comércio mundial de serviços nas discussões da Organização Mundial de Comércio (OMC), especificamente no sistema de normas e procedimentos jurídicos que disciplinam os fluxos internacionais, é resultado direto da iniciativa dos Estados Unidos encampada posteriormente pelos demais países desenvolvidos e a Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). São utilizados argumentos que tentam ressaltar os benefícios que esta liberalização traria para os países em desenvolvimento:

O comércio de serviços oferece aos países pobres oportunidades inovadoras de dar o primeiro grande passo rumo ao crescimento e desenvolvimento e de enfrentar a pobreza endêmica. Os serviços podem garantir aos países pobres a chance de pular a fase da revolução industrial e entrar direto na revolução da informação. ((LARSON, 2002)

O debate brasileiro sobre a política comercial do país e melhorias de competitividade no comércio internacional, entretanto, continua voltado para o fluxo de comércio de bens. O cenário internacional, por sua vez, aponta para um crescimento da importância do fluxo de serviços no fluxo de comércio total, o que deve alterar o comportamento do Brasil em relação a este comércio, como demonstra o recente encontro realizado pelo Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio.

O comércio de serviços possui algumas peculiaridades que dificultam a sua conceituação, classificação e avaliação. Pode-se atribuir aos serviços propriedades genéricas tais como, invisibilidade, intangibilidade ou perecibilidade que tornam necessária uma interação direta entre produtores e consumidores. Além disso, a impossibilidade de transporte e armazenamento e a simultaneidade entre produção e consumo também se configuram como características destes “produtos”. (OMC, 2004)

Por exportação de serviços entende-se desde os tradicionais serviços de transporte até uma obra de engenharia feita no exterior, um call center montado em um país e que atende empresas de todo o mundo, tecnologia de informação, consultoria, serviços financeiros e até direitos autorais.

Os custos envolvidos numa prestação de serviços são diferentes daqueles computados na exportação de bens. Na maior parte dos casos, principalmente em construção civil, os custos de uma empresa nacional trabalhando em outro país são muito semelhantes aos custos de uma empresa local. A real disputa fica no patamar do conhecimento aplicado e das soluções oferecidas. A empresa busca identificar projetos em que a rentabilidade seja maior do que no seu país.

Em outras áreas, ainda no campo dos serviços, não é necessário montar uma estrutura fora. Companhias que atuam com tecnologia da informação e sistemas exportam, realizam manutenção e prestam serviços sem sair do seu país, eliminando todos os custos referentes à logística e encargos. Ainda mais do que na exportação de bens, a venda de serviços requer um conhecimento sofisticado dos mercados estrangeiros e demanda um esforço maior das empresas aos projetos. (SHELP, 2002)

O processo de exportação inclui a busca por oportunidades fora do país, desenvolvimento do projeto, estruturação do financiamento e finalmente importação dos equipamentos necessários e contratação da mão-de-obra. Diferentemente da venda de produtos, o processo mais demorado é o que acontece depois da assinatura do contrato. (SHELP, 2002)

A precariedade estatística, sobretudo dos países em desenvolvimento, dificulta a análise do comportamento e padrão do comércio mundial de serviços. Normalmente são utilizados dados registrados nas estatísticas do Balanço de Pagamentos (BP) dos países, segundo a proposta do Fundo Monetário Internacional (FMI) publicada no Manual de Balanço de Pagamentos. As estatísticas do BP permitem uma comparação do desempenho dos países, e, portanto configuram-se como o mais importante quadro referencial. (FMI, 2006).

Os registros do BP referem-se a transações entre residentes e não residentes. Do ponto de vista do BP é residente aquele cujo principal centro de interesse econômico está localizado na área geográfica sob a responsabilidade de um governo nacional. O FMI sugere o critério de permanência da atividade para facilitar a mensuração, sendo considerado residente aquele que realiza atividades a mais de um ano em território nacional. Desse modo, filiais estrangeiras são consideradas residentes, do ponto de vista do BP. (FMI, 2006)

Além disso, para uma maior contribuição para o debate sobre o comércio de serviços foi proposto um maior nível de desagregação nos itens da conta de serviços para facilitar a identificação e comparação de dados. Parte destes passou a ser identificada como serviços comerciais<sup>2</sup>. A nova metodologia para o BP proposta pelo FMI e que inclui alteração na apresentação dos serviços, foi adotada no Brasil a partir de 2001, sendo que o Banco Central disponibilizou dados revistos segundo a nova classificação desde 1996.

Numa primeira abordagem a distinção entre as modalidades de comércio transfronteiriço e presença comercial é a mesma que ocorre no comércio de mercadorias. Mercadorias podem ser transacionadas via fluxos de comércio internacional e ou através da presença comercial de subsidiárias estrangeiras nos mercados domésticos. Esta questão é importante, pois, diferentemente das mercadorias, os serviços só se tornam transacionáveis a partir da presença comercial. Enquanto barreiras à comercialização de bens assumem a forma de barreiras na fronteira, as de serviços estão associadas à regulamentação doméstica, o que exige uma abordagem diferente da adotada nas negociações de mercadorias. (OMC, 2004)

---

<sup>2</sup>Segundo o FMI os serviços comerciais equivalem basicamente ao total do grupo serviços constante no Balanço de Pagamentos menos os valores referentes aos serviços governamentais.

As barreiras ao comércio escapam de definições fixas, mas podem ser em geral definidas como o conjunto da legislação que regulamenta políticas e práticas que protegem, artificialmente, o produtor doméstico da competição exterior ou estimulem as exportações dos setores domésticos. (OMC, 2004)

O GATS constitui numa peça chave do conjunto de acordos e negociações na Rodada do Uruguai que acarretou uma renovação completa das normas reguladoras acerca das relações comerciais internacionais. Sua gestão é realizada pela OMC através dos instrumentos de garantia previstos na instituição, particularmente o sistema integrado de soluções de controvérsias, o sistema de exame do comércio mundial de serviços e a instauração de um marco regulatório que proporcionam consistência do aparato jurídico das atividades de serviços comercializáveis internacionalmente. (OMC, 2004).

## 2.1 GATS

Assinado em Maraqueche em abril de 1994 o Acordo Geral sobre Comércio de Serviços foi um dos acordos resultantes da Rodada do Uruguai de negociação da OMC. O GATS é o primeiro conjunto de normas e regras acordadas no plano multilateral para reger o comércio internacional de serviços. Tem como objetivo estabelecer um quadro multilateral de princípios a fim de favorecer a expansão deste comércio e a sua liberação progressiva pela via da negociação e deveria assegurar uma regulação transparente e uma participação crescente dos países em desenvolvimento.

Fazem parte do acordo três elementos: um quadro geral que define as obrigações fundamentais que dizem respeito a todos os membros da OMC, listas nacionais de compromissos específicos em matéria de acesso a mercado e, por ultimo, anexos que definem condições especiais aplicáveis a diferentes setores. (OMC, 2004)

O quadro geral aplica-se a todos os serviços de todos os setores, com exceção dos serviços prestados pelos poderes públicos. Aplica-se igualmente a todas as medidas adotadas referentes a serviços e a todos os níveis de governo (central, regional, local). O acordo define quatro modos de prestação de serviços:

1) Comércio Transfronteiriço: É o comércio similar ao das transações de mercadorias, em que o ofertante e o consumidor permanecem respectivamente em seus territórios nacionais.

2) Comércio Envolvendo o Movimento de Consumidores: O exemplo típico é o turismo, no qual o consumidor de um país se desloca para outro país para usufruir o serviço.

3) Presença Comercial: Dadas as características dos serviços, a oferta de determinados serviços requer a presença comercial no mercado consumidor (subsidiárias, escritórios de representação e outras formas de atuação de empresas estrangeiras no mercado consumidor).

4) Comércio envolvendo movimento de pessoas: A oferta de serviços requer a presença do trabalhador de uma empresa estrangeira ou de um empregado autônomo no mercado consumidor, de forma temporária.

O acordo está assentado na cláusula do tratamento da nação mais favorecida (NMF) segundo a qual cada membro deve conceder incondicionalmente a qualquer parceiro comercial um tratamento não menos favorável que aquele dado a qualquer outro. A cláusula de NMF não implica o acesso irrestrito ao mercado, mas sim à não discriminação entre os prestadores de serviços estrangeiros. (OMC, 2004)

As negociações são realizadas por meio de sucessivas rodadas liberalizantes. No GATS o sistema utilizado é o de listas positivas, ou seja, tudo o que está na lista é negociável objetivando sempre uma maior liberalização. O que não está na lista não está em discussão. (OMC, 2004)

Além disso, determinados países que são membros de um mesmo acordo de integração econômica estão autorizados a liberar entre si o comércio de serviços, não sendo obrigados a tornar esse acordo extensivo aos outros membros do GATS, desde que esse acordo preveja a ausência ou eliminação de todos os tipos de discriminações.

A fim de assegurar a maior transparência possível, o acordo prevê a obrigação dos governos publicarem toda a legislação e regulamentos pertinentes. Além disso, cada membro deve assegurar que as prestadoras de serviços em monopólio e em exclusividade não abusem de suas posições. Os membros devem consultar-se sobre práticas comerciais susceptíveis de restringir a concorrência com vistas a suprimi-la. Os pagamentos e transferências internacionais relativos a transações correntes relacionadas com os compromissos específicos assumidos ao abrigo do GATS, não devem ser objeto de restrições, exceto em casos de dificuldades verificadas ao nível do balanço de pagamentos e sob determinadas condições. (OMC, 2004)

As disposições relativas ao acesso aos mercados e ao tratamento nacional não constituem obrigações gerais, mas compromissos específicos retirados das listas nacionais anexas ao GATS e que fazem parte integrante do acordo. Essas listas identificam os serviços e as atividades dos serviços relativamente aos quais o acesso aos mercados está assegurada e especificam condições as quais esta subordinado esse acesso. Assim, cada membro deve conceder aos serviços e aos prestadores de serviços dos outros membros um tratamento que não seja menos favorável do que aquele que está previsto no cumprimento dos compromissos específicos na sua lista nacional.

O acordo assenta igualmente no princípio do tratamento nacional. Com efeito, cada governo deve conceder aos serviços e aos prestadores de serviços de qualquer outro membro um tratamento não menos favorável que aquele que concede aos seus próprios serviços e prestadores de serviços. Este princípio visa impedir que normas e regulamentações administrativas sejam aplicadas de forma discriminatória em função da nacionalidade dos serviços ou das firmas que os prestam. (OMC, 2004)

O GATS prevê uma liberalização progressiva baseada em negociações periódicas com vistas a aumentar o nível de liberalização do comércio de serviços. Essa liberalização deverá incidir nos compromissos previstos nas listas como também na redução dos efeitos restritivos das medidas tomadas pelos governos.

A parte relativa às questões setoriais é uma das mais importantes do acordo. Nela são tratados os assuntos referentes à regulamentação doméstica. Parte deles são regulamentados pelos estados a fim de garantir sua adequada proteção, assegurar

exigências técnicas, proteger o direito dos consumidores entre outros. O GATS reconhece e não questiona esse direito soberano dos países membros, de regular e intervir nos serviços domésticos que possam vir a afetar o comércio internacional de serviços. No artigo sobre regulamentação do GATS, fica estabelecido que a medida doméstica deve ser administrada de forma razoável, objetiva e imparcial.

O GATS contém ainda oito anexos relativos a segmentos específicos, como serviços financeiros, telecomunicações, transporte aéreo, negociações sobre serviços de transportes marítimos dentre outros.

De acordo com a Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL), a maior parte dos países comprometeu até hoje apenas um número pequeno de segmentos de seus setores serviços, em geral aqueles que já estavam relativamente abertos à concorrência externa. Mas a presença de um segmento na lista de compromissos garante que novas medidas restritivas não serão adotadas no futuro.

## 2.2 PANORAMA GERAL

Serviços são imateriais e intangíveis. São executados e não produzidos. Existem apenas no momento em que são oferecidos. Não podem ser guardados, acumulados ou herdados. Enquanto os produtos são comprados, os serviços são disponibilizados. Em uma economia de serviços é o tempo humano que está sendo transformado em *commodities*, e não lugares ou coisas. Os serviços invocam um ser humano e uma coisa. O acesso mútuo como seres sociais torna-se cada vez mais mediado por relações pecuniárias. (RIFKIN. 2004 p. 70)

A partir da década de 80, o comércio internacional de serviços vem crescendo a taxas bastante elevadas. No ano de 1980, a participação das exportações de serviços foi de 15,2% nas transações totais do comércio (exportações de mercadorias mais serviços). A maior parte das receitas era proveniente de transportes e viagens internacionais, pois apenas uma parcela pequena de serviços era considerada um item a ser comercializado internacionalmente. Este crescimento deu-se tanto como resultado do progresso técnico que atingiu áreas de transportes, telecomunicações e informática, como pela formação de blocos de comércio mundial: União Européia, Nafta. (OMC, 2005)

Na década de 90, o comércio internacional de serviços cresceu a uma média anual de 6,2% enquanto o comércio mundial de bens cresceu a 6%. As novas formas de

telecomunicações e a abertura dos mercados de serviços e o processo de privatizações impulsionaram a instalação de empresas de serviços em territórios estrangeiros. (OMC, 2005)

A participação das exportações de serviços no comércio total (mercadorias mais serviços) foi de cerca de 18% no período. O setor de serviços na economia mundial representou aproximadamente 80% do produto interno bruto (PIB) nos países desenvolvidos e, conforme relatório da OMC, os serviços geralmente respondem por cerca de mais de 50% do PIB dos países em desenvolvimento, sendo o setor que mais cresce em muitas das economias menos desenvolvidas. (OMC, 2005)

Foi na década de 90 que as primeiras compilações detalhadas das estatísticas de serviço começaram a ser realizadas. Serviços passaram a integrar as negociações da OMC e de acordos regionais.

A partir do ano 2000 o crescimento do comércio mundial de serviços avançou com mais intensidade, mesmo com as turbulências no mercado em 2001, ano que combinou a crise das bolsas norte-americanas, os efeitos dos atentados terroristas de 11 de setembro e as fraudes contábeis nos balanços de grandes empresas, que afetaram diretamente os investimentos estrangeiros diretos e o crescimento do comércio mundial. A média de crescimento anual no período de 2000 a 2006 foi de 10% semelhante à taxa de crescimento do comércio de bens que foi de 11%.

Uma análise dos fluxos de comércio de serviços por regiões, no ano 2000, revela-se que a América do Norte e a Europa Ocidental apresentaram saldos superavitários, sendo o maior registrado pelos Estados Unidos no ano de 2000. Estas duas regiões eram responsáveis por 66,5% dos fluxos de exportações e 60,0% dos fluxos de importações mundiais de serviços. Destacam-se os desempenhos da China e da Índia. A primeira obtém uma média anual de crescimento de 18,1% em seu comércio de serviços e eleva sua participação de 0,7 % a 2,1% do total das exportações mundiais. Na Índia a taxa de crescimento foi de 14,3% e a participação nas exportações de serviços aumenta de 0,6% para 1,2%. (OMC, 2005)



A América Latina apresentou um déficit de US\$ 10,9 bilhões e o do Brasil ficou em torno de US\$ 7,4 bilhões no ano 2000. O Brasil estava em 33º lugar entre os principais exportadores de serviços (participação de 0,6% em 2000) e 28º entre os de mercadorias (participação de 0,9%), apresentando uma diferença de 0,3 pontos percentuais a favor do comércio de mercadorias. Analisando os principais países importadores da América Latina e Caribe, o Brasil está em segundo lugar, depois do México, tanto na pauta de exportações como na de importações de serviços..

A maior concentração relativa no comércio de serviços deve-se, em parte à sempre elevada participação dos Estados Unidos. O setor de serviços constitui importante elemento da atividade econômica dos EUA, respondendo por 80% dos empregos e 63% do Produto Interno Bruto (PIB). Os Estados Unidos são ainda os maiores exportadores de serviços do mundo. As exportações de serviços do país cresceram mais de 70% em 10 anos, aumentando de US\$ 199 bilhões em 1994 para US\$ 340 bilhões em 2004. (OMC, 2005)

Em 2004 o segmento de serviços, registrou sua maior taxa de crescimento, e movimentou US\$ 2,1 trilhões de dólares em todo o mundo, segundo dados da Organização Mundial do Comércio (OMC). Neste ano, a taxa de crescimento anual foi de 20%. Entre os cinco maiores vendedores de serviços do mundo: EUA, Inglaterra, Alemanha, França e Japão, as exportações de serviços chegaram a representar metade do valor exportado de mercadorias. Em 2004, a Índia participou com quase 2% do volume total negociado de serviços no mundo, cerca de 40 bilhões de dólares.

Países da África com menor tradição na atividade apresentaram os maiores crescimentos relativos na exportação de serviços em 2005, e o Brasil registrou um crescimento nesse mesmo período de 28,3% chegando a US\$ 14,9 bilhões e ficando na 13ª colocação dentre as maiores taxas de crescimento. Os Estados Unidos, principal exportador mundial de serviços, alcançou em 2005 US\$ 354,0 bilhões, seguido do Reino Unido com US\$ 188,7 bilhões e da Alemanha com US\$ 148,5 bilhões.

Já em 2006, os dados da OMC mostram que as exportações de serviços representaram 23,0% das exportações de mercadorias. Enquanto estas cresceram a uma taxa de 15,0%

no ano, as exportações de serviços cresceram a 11,0% e atingiram cerca de US\$ 2,7 trilhões. As importações somaram US\$ 2,6 trilhões.

Tabela 1 - Exportações Mundiais de serviços - US\$ Bilhões/2006

**Exportações Mundiais de Serviços - US\$ Bilhões/2006**

	Valor	Taxa de Crescimento anual %			
	2006	2000 - 06	2004	2005	2006
Exportações Mundiais					
Mercadorias	11.762	11	22	14	15
Serviços	2.710	10	20	11	11

Fonte: ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE COMERCIO, 2007

Os Estados Unidos registraram US\$ 388,8 bilhões com uma participação de 14,1% das exportações totais mundiais, como mostra a tabela abaixo. A França, que em 2005 ocupava a 4ª posição passou a 5ª colocação, devido à expansão vigorosa do Japão que alcançou em 2006 US\$ 122,5 bilhões. A China e a Índia aparecem respectivamente em 8º e 10º lugar, resultado do forte crescimento que o setor de serviços obteve nesses países nos últimos anos. O Brasil ocupou a 30ª posição com US\$ 17,9 bilhões exportados.

Tabela 2- Principais Exportadores Mundiais de Serviços – 2006

<b>Principais Exportadores Mundiais de Serviços US\$ Bilhões - 2006</b>			
Rank	Países	Valor	Part. %
1	Estados Unidos	388,8	14,1
2	Inglaterra	227,5	8,3
3	Alemanha	168,8	6,1
4	Japão	122,5	4,4
5	França	114,5	4,2
6	Espanha	105,5	3,8
7	Itália	97,5	3,5
8	China	91,4	3,3
9	Países Baixos	82,5	3
10	Índia	73,8	2,7
11	Hong Kong	72,7	2,6
12	Irlanda	68	2,5
13	Áustria	58,9	2,1
14	Canadá	57,6	2,1
15	Bélgica	40	2,1
27	Brasil	17,9	0,7

Fonte: ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE COMERCIO, 2007

Já dentre os principais importadores os Estados Unidos também aparecem na primeira posição seguida pela Alemanha e Reino Unido. Em 2006, os EUA registraram importações no valor de US\$ 307,8 bilhões. Destaque é a presença da China e da Índia

entre os 15 principais importadores. A China ultrapassou a marca dos US\$ 100,00 bilhões em importações, fato só alcançado por 6 países no mundo, e a Índia vem crescendo em ritmo acelerado registrando US\$ 63,7 bilhões. O Brasil registrou um volume de US\$ 22,3 bilhões ficando na 27ª posição dentre os principais importadores mundiais de serviços, e é o país melhor colocado dentre os países da América Latina. (OMC, 2007)

Tabela 3- Principais Importadores Mundiais de Serviços - 2006/2005

<b>Principais Importadores Mundiais de Serviços -US\$ Bilhões - 2006 / 2005</b>			
<b>Rank</b>	<b>Países</b>	<b>Valor</b>	<b>Part.%</b>
1	Estados Unidos	307,8	11,6
2	Alemanha	219,1	8,3
3	Reino Unido	172,0	6,5
4	Japão	144,0	5,4
5	França	108,8	4,1
6	China	100,3	3,8
7	Itália	98,4	3,7
8	Irlanda	78,4	3,0
9	Países Baixos	78,1	2,9
10	Espanha	77,9	2,9
11	Canadá	71,7	2,7
12	Coreia	69,8	2,6
13	Índia	63,7	2,4
14	Singapura	60,8	2,3
15	Bélgica	54,0	2,0
27	Brasil	27,1	1,0

Fonte: ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE COMERCIO, 200

Na composição das principais regiões exportadoras de serviços a Europa é responsável por 51% das exportações, seguida da Ásia com 22,6%, da América do Norte com 16,9%. As Américas Central e do Sul correspondem a apenas 2,8%.

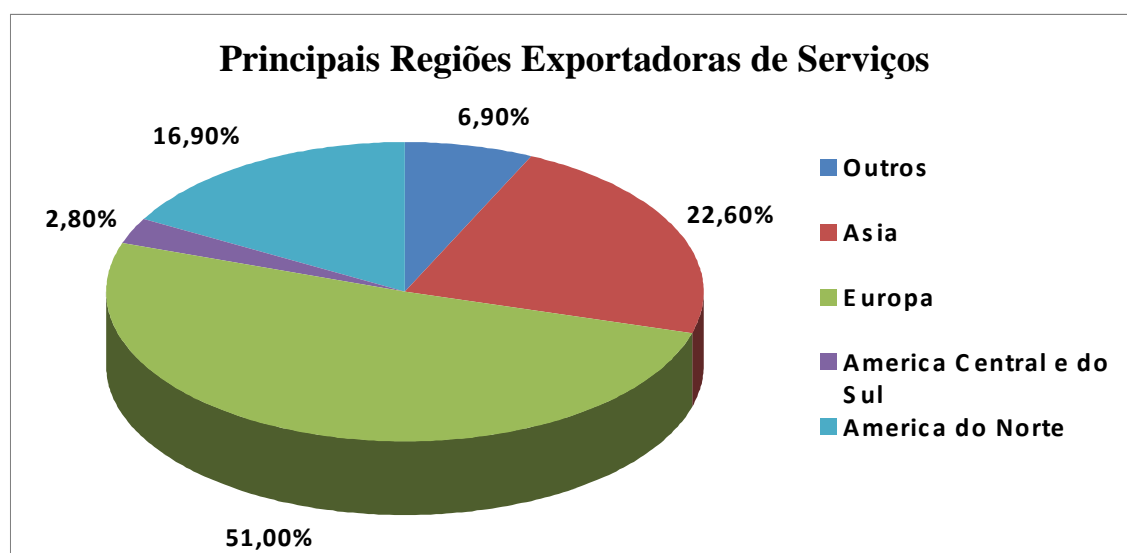


Gráfico 1- Principais Regiões Exportadoras de Serviço-2006

Fonte: BRASIL, 2007

Percebe-se assim, o baixo dinamismo do setor de serviços nas Américas Central e do Sul que registraram um fluxo de US\$ 77 bilhões de exportações e US\$ 80 bilhões de importações em 2006. A Europa, com maior representação relativa no setor, apresentou US\$ 1.382 bilhões de exportações, sendo a União Européia responsável por US\$ 1.247 bilhões. Dentre os países os EUA obtêm a maior participação relativa, porém deve-se destacar a significativa expansão dos fluxos de comércio registrados nos países asiáticos, especialmente a Índia que só em 2006 incrementou suas exportações em 34% e suas importações em 40% conforme ilustrado na tabela abaixo.

Tabela 4- Exportações e Importações de Serviços por Regiões – US\$ Bilhões

**Exportações e Importações de Serviços por Regiões – US\$ Bilhões/ 2000-06**

Região	Exportações					Importações				
	Valor 2006	Valor 2000-06	Valor 2004	Valor 2005	Valor 2006	Valor 2006	Valor 2000-06	Valor 2004	Valor 2005	Valor 2006
Mundo	2.710	10	20	11	11	2.620	10	19	11	10
A. Norte	460	6	13	10	9	401	7	15	9	9
EUA	387	6	14	10	9	307	7	16	9	9
A. Central e do Sul	77	9	16	18	14	80	7	14	21	4
<b>Brasil</b>	<b>18</b>	<b>12</b>	<b>21</b>	<b>28</b>	<b>21</b>	<b>27</b>	<b>9</b>	<b>12</b>	<b>3</b>	<b>20</b>
Europa	1.382	11	20	9	9	1.223	10	17	8	8
EU (25)	1.247	12	19	9	9	1.132	10	16	8	8
Ásia	614	12	27	14	15	666	10	24	12	14
Japão	121	9	25	14	12	143	4	21	28	8
China	87		34	19		100		31	16	
Índia	73				34	70				40
Demais	177					250				

Fonte: ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE COMERCIO, 2007

Dentre os serviços comerciais o setor de transportes e o de viagens são os segmentos com maior representatividade. Juntos somam mais de 50% do total das exportações mundiais. O setor de transporte sempre teve um papel importante no cenário internacional estando diretamente relacionado aos fluxos mundiais de comércio. Apresentaram crescimento de 9% em 2006 e registraram uma taxa média de crescimento de 10% no período de 2000 a 2006, acompanhando à taxa média anual de crescimento do total das exportações de serviços. O item viagens obteve um crescimento de 7% em 2006, igual à taxa média de crescimento no período de 2000 a 2006. Os demais serviços comerciais registraram expansão de 13%.

Tabela 3- Exportações Mundiais de Serviços- US\$ Bilhões

**Exportações Mundiais de Serviços- US\$ Bilhões- 2000/06**

Exportações Mundiais	Valor	Taxa de Crescimento anual %			
		2000-06	2004	2005	2006
Principais Categorias	2006	2000-06	2004	2005	2006
Serviços Comerciais	2.710	10	20	11	11
Transporte	626	10	25	12	9
Viagens	737	7	18	8	7
Outros Serviços Comerciais	1.347	12	19	12	13

Fonte: ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE COMERCIO, 2007

Desse modo, percebe-se que, apesar da grande concentração existente no comércio internacional de serviços, novos países, sem muita tradição no setor, começam a despontar com grandes potenciais comerciais. Nesses países, com rápido crescimento no setor, exploram-se as atividades de serviços intensivos em trabalho qualificado e que não prescindem de uma estrutura física e logística instalada.

### 3 OCOMÉRCIO EXTERNO DE SERVIÇOS DO BRASIL

Apesar da crescente proeminência dos serviços no comércio mundial, no Brasil as atividades do setor não dispõem de uma atenção adequada. O país registra números tímidos em relação ao comércio internacional de serviços, principalmente nos fluxos de maior valor adicionado. Países como Índia e Singapura, por exemplo, com graves problemas estruturais, detêm participações bastante significativas nestes mercados. Esta fraca participação reflete a ênfase muito acentuada nas mercadorias por parte da política econômica durante todos esses anos.

Além da importância do setor na composição do PIB brasileiro, ele é extremamente importante para o resultado do balanço de pagamentos do país. A tabela a seguir revela que o Brasil tem um déficit significativo no que concerne às suas transações internacionais de serviços. Os números relativos à conta de serviços do Balanço de Pagamentos brasileiro de 1997 até 2007<sup>3</sup> mostram que o país apresenta déficit na balança de serviços em todo o período.

Verifica-se também que este déficit, apresenta oscilações em diversos momentos. Estes estão relacionados, segundo os relatórios anuais do Banco Central (BACEN), principalmente, com as flutuações cambiais do período, não representado na maioria dos casos variações estruturais ou tendências do comércio externo de serviços brasileiros. Segmentos de serviços como transportes e viagens internacionais que figuraram por muito tempo como os principais itens na composição do resultado da conta de serviços brasileiras são muito sensíveis às oscilações cambiais.

Tabela 5- Evolução do Saldo da conta de Serviços

<b>Evolução do Saldo da conta de Serviços</b>											
	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007*
Serviços	-10646	-10111	-6977	-7162	-7759	-4957	-4931	-4678	-8309	-9654	-10049
Receitas	6876	7897	7194	9498	9322	9551	10447	12584	16047	19462	19201
Despesas	17522	18008	14171	16660	17081	14509	15378	17261	24356	29116	29249

Fonte: BANCO CENTRAL, 2007

<sup>3</sup> Valores até setembro de 2007.

Por vários anos consecutivos, até 1996, as exportações brasileiras de serviços não superaram a marca de 10% do valor das exportações de bens. Somente a partir de 1997, como se pode observar a seguir na tabela 6, esta marca é superada. Em 2000 a proporção entre exportações de serviços em relação à exportação de bens registrou a marca de 16,3%, maior valor já alcançado. Já em 2006, esta proporção passou a ser de 12,6%. Esta queda de representatividade das exportações de serviços brasileiras se deve, sobretudo, ao vigoroso crescimento das exportações de bens nacionais que alcançou a partir do ano 2000 sucessivos recordes de crescimento.

Tabela 6- Evolução das Exportações de Serviços com relação à exportação de bens- 1997/2006

<b>Evolução das exportações de serviços com relação à exportação de bens – (%)</b>										
Ano	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Porcentagem	12,1	14,3	14,4	16,3	14,9	14,6	13,1	12,0	12,6	13,1

Fonte: BANCO CENTRAL, 2007

Dentre os componentes da conta de serviços poucos itens apresentam saldos superavitários. Serviços de comunicação, serviços de construção e serviços empresariais, profissionais e técnicos destacam-se por obterem nos últimos dez anos, apesar das oscilações, saldos superavitários constantes. Os dois primeiros apresentam valores pouco expressivos, já os serviços empresariais vêm apresentando incrementos constantes e significativos, alcançando em 2005 seu maior valor com uma receita líquida de US\$1,6 bilhão, que representou crescimento de 44,2% em relação à receita de 2004. Este item representa setores em que o Brasil vem desenvolvendo vantagens competitivas, e que apresentam boas perspectivas de crescimento no comércio mundial.

Os itens transportes e viagens são os mais importantes, e desse modo apresentam um maior detalhamento de suas transações nos relatórios anuais do BACEN. Historicamente estes grupos detêm a maior representatividade na conta de serviços, somando, na maioria dos anos, mais de 50% do valor desta. Porém, nos últimos anos estes vêm perdendo representatividade, diminuindo assim, a grande concentração da pauta de exportações de serviços brasileira. O item aluguel de equipamentos registrou uma forte expansão nas suas despesas desde 2003, é o grupo com maior peso na conta de serviços brasileiro.

Tabela 7 – Evolução do saldo da balança de serviços por subgrupos

<b>Evolução do Saldo da balança de Serviços por subgrupos</b>											
	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007 <sup>4</sup>
Serviços	-10646	-10111	-6977	-7162	-7759	-4957	-4931	-4678	-8309	-9654	-10048
Receitas	6876	7897	7194	9498	9322	9551	10447	12584	16047	19462	19201
Despesas	17522	18008	14171	16660	17081	14509	15378	17261	24356	29116	-29249
Transportes	-3162	-3261	-3071	-2896	-2966	-1959	-1590	-1986	-1950	-3126	-3216
Viagens	-4377	-4146	-1457	-2084	-1468	-398	218	351	-858	-1448	-2575
Seguros	74	81	-128	-4	-275	-420	-436	-544	-568	-430	-680
Serv. Financeiros	-885	-527	-269	-294	-307	-232	-383	-77	-230	-23	218
Comp. e Informações	-589	-789	-1010	-1111	-1106	-1118	-1034	-1228	-1626	-1903	-1749
Royalties e Licenças	-848	-1329	-1150	-1289	-1132	-1129	-1120	-792	-1303	-1513	-1563
Aluguel de Equipamentos	-1048	-634	-599	-1311	-1867	-1672	-2312	-2166	-4130	-4887	-4329
Serv. de comunicações	9	81	14	4	29	14	84	174	127	104	140
Serv. de construções	10	52	16	228	18	12	10	1	8	18	11
Serv. relativos a o comércio	-160	-31	251	194	-23	-12	-92	-235	-279	1	-10
Serv. Empresariais, Prof. e Técnicos	886	1071	1259	2251	2300	2460	2158	2378	3651	4556	4912
Serv. Pessoais, Culturais e Recreações	-206	-292	-335	-300	-307	-251	-283	-362	-396	-452	-464

Fonte: BANCO CENTRAL, 2007

Observando a evolução do saldo da conta de serviços brasileira na tabela a seguir se percebe que em 1999 e 2002 foram registradas quedas significativas nos déficits da e em 2005, um crescimento vigoroso. Em 1999 de acordo com o relatório do BACEN, o decréscimo do saldo negativo ocorreu em função da retração das despesas, principalmente no item viagens.

<sup>4</sup> Valores até outubro de 2007.



As despesas líquidas com serviços diminuíram expressivamente refletindo o ganho de competitividade do turismo no país em relação ao turismo no exterior. A desvalorização cambial aumentou os custos em reais das viagens ao exterior o que resultou na retração substancial das despesas. (BACEN, 2000)

Neste ano as despesas líquidas com transportes apresentaram redução de 14% determinada pela diminuição de gastos brasileiros com viagens. Além disso, em função da retração das importações de bens, o pagamento de fretes (rubrica importante do item transporte) diminuiu em 14,8%. Os gastos com os demais serviços reduziram-se à quinta parte. (BACEN, 2000)

Em 2002, os gastos líquidos com serviços somaram US\$ 4, 957 bilhões, recuando 35% em comparação com o ano anterior. Os gastos líquidos com viagens internacionais somaram US\$ 398 milhões, correspondente a 27,1% daqueles observados em 2001. Essa queda resultou da pronta reação dos gastos com turismo às alterações de custos ocasionadas pela depreciação cambial do real. Os gastos de brasileiros com turismo no exterior diminuíram 27,3%, enquanto os gastos de estrangeiros no país aumentaram em 14,2%, o que resultou em queda de 84,2% em gastos líquidos.

A conta de transportes registrou saída líquida de US\$ 2 bilhões, reduções de 31,2% em relação a 2001 evidenciando o aumento do superávit da balança comercial e a queda nos gastos líquidos com viagens internacionais. O aumento das exportações e a redução das importações de bens resultaram na diminuição de 40% das despesas líquidas referente a fretes. As receitas de fretes marítimos avançaram em 56,7% e as despesas recuaram 21,5%.

Já em 2005, a conta de serviços apresentou déficit de US\$ 8,1 bilhões, US\$ 3,5 bilhões acima do registrado no ano anterior, resultado principalmente da reversão do superávit da conta de viagens internacionais e do significativo aumento dos pagamentos líquidos de aluguel de equipamentos.

A conta de viagens internacionais registrou saldos positivos em apenas três anos em toda serie histórica – 1989, 2003, 2004. Em 2003 e 2004 a reversão da tendência deficitária da conta foi observada, sobretudo devido à sua alta sensibilidade ao câmbio e a renda. Em 2003 a conta registrou ingressos líquidos de US\$ 218 milhões resultado de

um aumento de 25% nas despesas de turistas estrangeiros no país. Em 2005 voltou a ser observada a tendência deficitária nos fluxos líquidos. Neste ano a conta registrou saídas líquidas de US\$ 858 milhões devido fundamentalmente ao aumento de 64,4% nas despesas enquanto as receitas, provenientes de gastos de não residentes no país cresceram, 19,8%. A reversão do resultado refletiu, principalmente, a apreciação do real e o aumento da renda interna, segundo relatório do Banco Central.

Os gastos líquidos com alugueis de equipamentos somaram US\$ 4,1 bilhões, apresentando acréscimo de 90,7% em relação a 2004. Estes se referem principalmente a gastos com plataformas marítimas de exploração de petróleo. “Esse resultado reflete, em parte, o crescimento dos investimentos em atividades produtivas no país.” (BACEN, 2005) As receitas também cresceram apesar de os valores serem pouco expressivos.

Em 2006 o saldo da conta de serviços foi US\$ 9,4 bilhões, mantendo a expressiva alta registrada em 2005. Neste período apenas os déficits da conta de seguros, serviços financeiros não se elevaram. Em 2006, alugueis de equipamentos foi responsável pela maior contribuição para o déficit na conta de serviços e registrou remessas líquidas de US\$4,9 bilhões ante US\$ 4,1 bilhões em 2005.

A elevação esteve associada ao processo de maior utilização no país de bens de capital de propriedade de não residentes, com desdobramentos positivos sobre o nível da capacidade produtiva da economia. (BACEN, 2007)

As receitas da conta de viagens internacionais aumentaram 11,8 % e as despesas, com aumento contínuo e mais acentuado, registraram incremento de 22,1%. Além disso, o déficit na conta de transportes atingiu US\$ 2,9 bilhões, com crescimento anual de 47,7%. Este aumento é, em grande parte, explicado pelo desempenho da balança comercial de bens que acarretou uma elevação de 32% nas despesas líquidas com fretes em 2006. As receitas e despesas de fretes marítimos, em sua quase totalidade constituída por transportes de bens, registraram crescimento de 13,2% e 21,0% respectivamente.

Analisando a evolução das exportações nacionais de serviços neste período, observa-se que até 2002 sua trajetória destas apresentou oscilações entre períodos de crescimento e de retração. Somente a partir de 2003 é que o país registra uma tendência mais sólida de crescimento, apresentando em 2005 seu melhor desempenho. Em 2005 as exportações

brasileiras de serviços foram de US\$ 14,9 bilhões, registrando um crescimento de 28,4%. Cabe ressaltar que este crescimento das exportações brasileiras de serviços superou em 2005 a taxa de crescimento das exportações de bens, de 22,6% tendo mais do que duplicado seu valor em menos de 10 anos, obtendo o maior crescimento dos últimos dez anos. Já em 2006 as exportações de serviços alcançaram US\$ 17,9 bilhões. De 2000 a 2006, as exportações de serviços quase dobraram.

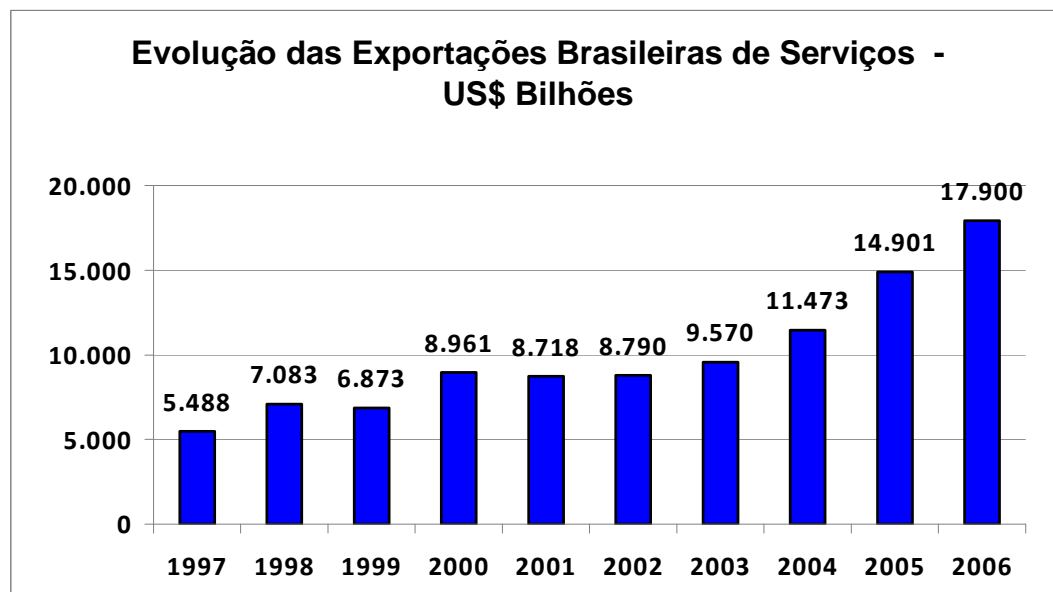


Gráfico 2 – Evolução das Exportações Brasileiras de Serviços – US\$ Bilhões

Fonte: BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2007

Já as importações apresentam, desde 1997, maiores oscilações no que se refere ao incremento. Em 2000 eram US\$ 15,6 bilhões e apesar da queda em 2002 apresentaram nos anos seguintes um vigoroso crescimento e registraram US\$ 22,3 bilhões em 2005, crescimento bastante expressivo, de 38,7% e em 2006 US\$ 27,1 bilhões. Como já mencionado anteriormente, nos últimos anos observou-se um grande incremento nas despesas relacionadas a alugueis de equipamentos. Estes foram os principais responsáveis pelo aumento das importações.

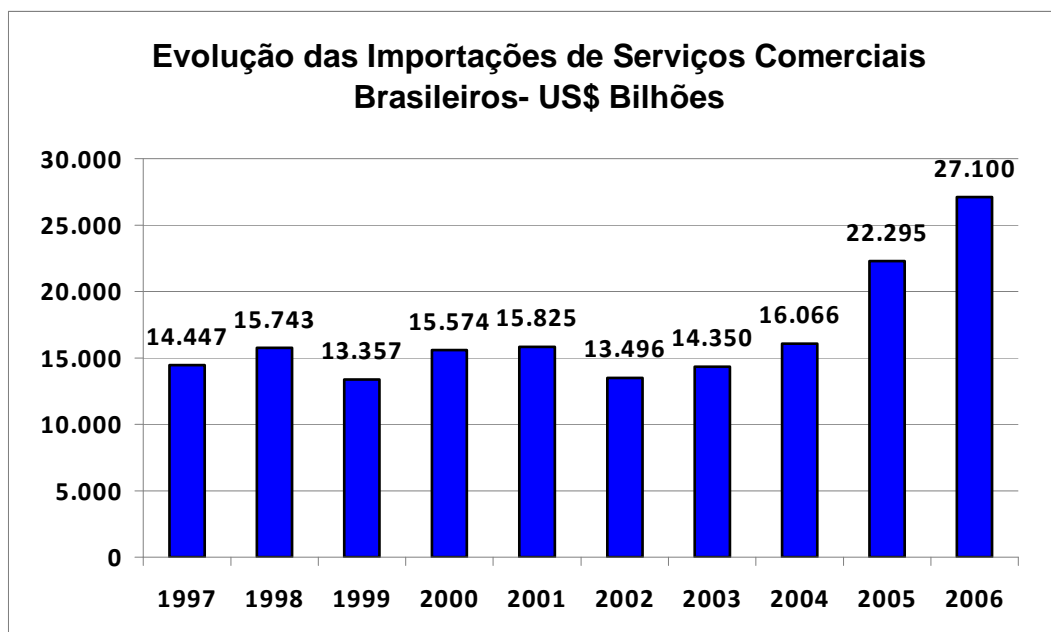


Gráfico 3- Evolução das Importações Brasileiras de Serviços – US\$ Bilhões

Fonte: BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2007

A corrente de comércio, no entanto vem apresentando crescimento (exceto em 2002) tendo saltado de 27,7% em 2004 para US\$ 37,3 bilhões em 2005 e para US\$ 45,1 bilhões em 2006. O aumento mais expressivo nos últimos anos fez com que o país figurasse, pela primeira vez, dentre os 30 países com maior fluxo de comércio internacional de serviços.

Tabela 8– Evolução da Corrente de Serviços- US\$ Bilhões- 2000/06

<b>Evolução da Corrente de Comércio -US\$ Bilhões - 2000/06</b>							
Ano	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Valor	24,5	24,5	22,3	23,9	27,7	37,3	45,1

Fonte: BRASIL, 2007

Mesmo com atuação ainda tímida no segmento, nos últimos anos, o Brasil começou a aparecer nos principais levantamentos de exportadores de serviços como um dos potenciais fornecedores. As exportações brasileiras do setor de serviços cresceram quase o triplo da média mundial em 2005. Enquanto as vendas externas deste segmento no mundo tiveram um aumento de 10,8%, as vendas brasileiras tiveram um incremento de 29,8% em relação a 2004. Em 2006, apesar de o crescimento relativo ter sofrido uma retração, este ainda continuou muito acima da média mundial para o período. As importações também apresentam expansão expressiva, tendo, em 2005, registrado

incremento de 38,4% e em 2006 19,9%, ambos muito superiores aos valores observados na média mundial. Esses números demonstram que há um grande espaço para o crescimento deste segmento no contexto internacional

<b>Evolução das Exportações e Importações Mundiais e Brasileiras de Serviços – 2002/06</b>				
	<b>Importações (%)</b>		<b>Exportações (%)</b>	
	<b>Mundo</b>	<b>Brasil</b>	<b>Mundo</b>	<b>Brasil</b>
<b>2002</b>	<b>5,8</b>	<b>-14,7</b>	<b>7,2</b>	<b>0,8</b>
<b>2003</b>	<b>13,8</b>	<b>6,3</b>	<b>14,2</b>	<b>8,9</b>
<b>2004</b>	<b>18,7</b>	<b>12,3</b>	<b>19,5</b>	<b>21,3</b>
<b>2005</b>	<b>10,2</b>	<b>38,4</b>	<b>10,4</b>	<b>28,3</b>
<b>2006</b>	<b>10,1</b>	<b>19,9</b>	<b>10,1%</b>	<b>20,6</b>

Quadro 2 – Evolução das Exportações e Importações Mundiais e Brasileiras de Serviços

Fonte: BRASI, 2007

Apesar do aumento do fluxo de comércio de serviços do país a sua participação na composição do PIB é pouco expressiva. A participação das exportações de serviços comerciais no PIB é pequena representando 1,9% desde 2002. As importações também apresentam poucas oscilações atingindo em 2006 2,9% de participação no PIB.

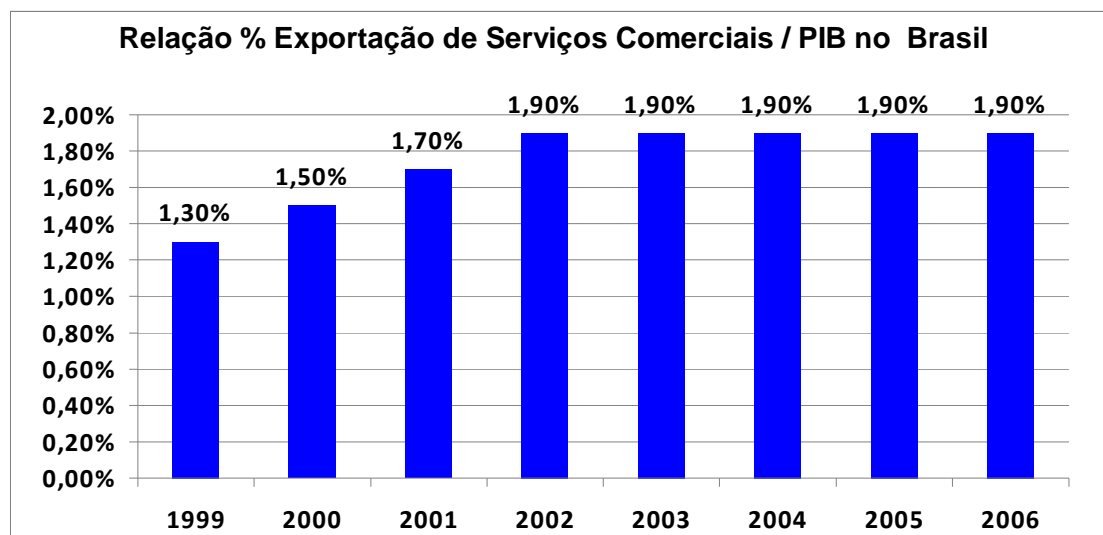


Gráfico 4- Relação % Exportação de Serviços/PIB no Brasil

Fonte: BRASIL, 2007

O segmento de serviços detém a maior participação nos investimentos estrangeiros diretos no país. Segundo dados do Banco Central do Brasil, o setor recebeu pela média de 2001 a 2004, 52,8% do total de investimentos estrangeiros diretos contra 40,9% no setor secundário (manufatura, incluindo principalmente agroindústria) e 6,4% no setor primário (agricultura, extrativismo e mineração). Em 2005, 60,0% dos investimentos estrangeiros no país foram destinados ao setor de serviços. Em 2006 foram destinados ao setor primário 6,1%, ao setor secundário 39,4% e ao setor terciário 54,5%.

Tabela 9- Distribuição do Investimento Estrangeiros Diretos no Brasil por setor-2000/06.

<b>Distribuição do Investimento Estrangeiro Direto no Brasil por setor- 2000/06</b>						
Setores	2001	2002	2003	2004	2005	2006
<b>Primário</b>	7,1	3,4	10,5	5,3	10,2	6,1
<b>Secundário</b>	33,3	40,2	34,9	52,8	29,8	39,4
<b>Terciário</b>	59,6	56,4	53,6	41,9	60	54,5

Fonte: BRASIL, 2007

No último ano a balança comercial brasileira de serviços registrou um crescimento de 20,8 % nas exportações relativamente ao ano de 2005. Nesse período as importações tiveram um crescimento em torno de 21%. Esse crescimento da exportação assim como em 2005 foi maior do que o crescimento das exportações de bens que ficaram em torno de 17,1%. A expansão da corrente de comércio deste ano foi de 21%.

Tabela 10- Balança Comercial de Serviços Brasileira – US\$ Bilhões-2006

<b>Balança Comercial Brasileira- US\$ Bilhões -2006</b>			
	<b>2005</b>	<b>2006</b>	<b>%</b>
<b>Exportações</b>	<b>14.855</b>	<b>17.943</b>	<b>20,8</b>
<b>Importações</b>	<b>22.409</b>	<b>27.194</b>	<b>21,2</b>
<b>Saldo</b>	<b>-7.554</b>	<b>-9.206</b>	
<b>Corrente de Comércio</b>	<b>37.264</b>	<b>45.092</b>	<b>21</b>

Fonte: BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2007

Em comparação com a balança comercial de bens, percebe-se que os incrementos relativos das duas balanças apresentaram números próximos. Em 2006 as exportações de serviços cresceram 20,8%, registrando uma expansão maior do que as exportações de bens. Já as importações de bens registraram uma expansão maior do que a de serviços. As exportações de serviços em 2005 representaram 12,6% das exportações de bens e em 2006 passaram a representar 13,0%. As importações de serviços corresponderam a aproximadamente 30% das importações de bens em 2006.

Tabela 11- Relação das Exportações e Importações de Serviços e Bens

<b>Relação das Exportações e Importações de Serviços e Bens</b>			
<b>US\$ Bilhões 2006 / 2005</b>			
	<b>2005</b>	<b>2006</b>	<b>2006/2005</b>
Exportações de bens (1)	118,3	137,5	17,1
Exportações Serviços (2)	14,9	17,9	20,8
<b>(2) / (1)</b>	<b>12,6%</b>	<b>13,0%</b>	
Importações de Bens (3)	73,6	91,4	24,2
Importações de Serviços (4)	22,4	27,1	21,2
<b>(3) / (4)</b>	<b>30,4%</b>	<b>29,6%</b>	

Fonte: BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2007

A origem das importações brasileiras de serviços é também muito concentrada. Os Estados Unidos são responsáveis por 46,9%, e a União Européia por 35%. Juntos respondem por mais de 80% das importações do Brasil. A contribuição do Mercosul nas importações brasileiras é ainda muito pequena, em decorrência, principalmente, do fraco desenvolvimento nesses países do comércio internacional de serviços.

Tabela 12 - Origem das Importações Brasileiras de Serviços- 2006

<b>Origem das Importações Brasileiras de Serviços -2006</b>	
	Part. %
Estados Unidos	46,9
União Européia	35
Japão	3
Mercosul	4,6
Canadá	2,9
Austrália	0,4
Coréia do Sul	0,4
China	0,2
Índia	0,1
Resto do mundo	6,7

Fonte: BRASIL, 2007

A grande maioria das exportações brasileiras é também destinada aos Estados Unidos, 52,5 %, e a União Européia, 24,1 %. O percentual da América do Sul é de 5,2% e o Mercosul corresponde a apenas 2,1%, demonstrando um grau de concentração muito superior ao observado no comércio de bens. Isso se deve, em grande parte, ao fato de os países desenvolvidos serem, destacadamente, os maiores consumidores de serviços do mundo.

Tabela 13- Destino das Exportações Brasileiras de Serviços

<b>Destino das Exportações Brasileiras de Serviços</b>	
	Part. %
Estados Unidos	52,5
União Européia	24,1
Mercosul	2,1
Japão	1
Canadá	0,9
China	0,3
Austrália	0,2
Índia	0,1
Coréia do Sul	0,06
Resto do Mundo	18,8

Fonte: BRASIL, 2007

De acordo com o Banco Central do Brasil, os principais serviços exportados em 2006 foram serviços empresariais, profissionais e técnicos, viagens, transportes, serviços relativos ao comércio e serviços financeiros. Em serviços empresariais, profissionais e técnicos estão incluídos os serviços de profissionais liberais, serviços de arquitetura e



engenharia e outros serviços técnicos. Estes são considerados serviços estratégicos para o desenvolvimento por se constituírem, atualmente, no mais importante suporte para as atividades econômicas e, portanto fator de atração para novas empresas e de geração de valor agregado. (SILVA, 2006)

Tabela 14 – Principais Serviços Exportados

<b>Principais Serviços Exportados 2006 – US\$ Bilhões</b>	<b>Valor</b>
<b>Serviços Empresariais Profissionais e Técnicos</b>	<b>7524</b>
<b>Viagens</b>	<b>4316</b>
<b>Transportes</b>	<b>3429</b>
<b>Serviços Relativos ao Comércio</b>	<b>967</b>
<b>Serviços Financeiros</b>	<b>738</b>

Fonte: BRASIL, 2007

Dentre os principais serviços importados, transportes e viagens correspondem a mais de 45% do valor total. Em seguida aparece o item aluguel de equipamentos que, como já citado anteriormente, apresenta forte expansão nos últimos anos em função do aumento dos gastos com equipamentos para exploração de petróleo. Serviços empresariais, profissionais e técnicos, computação e informação também apresentam participação significativos na pauta de importações.

Tabela 15- Principais Serviços Importados

<b>Principais Serviços Importados -2006 US\$ Bilhões</b>	<b>Valor</b>
<b>Transportes</b>	<b>6.565</b>
<b>Viagens</b>	<b>5.764</b>
<b>Aluguel de equipamentos</b>	<b>4.964</b>
<b>Serv. Empresariais, Profissionais e Técnicos</b>	<b>2967</b>
<b>Computação e Informação</b>	<b>2005</b>

Fonte: BRASIL, 2007

Observando o Panorama Nacional de Serviços (BRASIL, 2007) percebe-se que o setor de serviços atua de maneira distinta em cada região do país. Nos Estados da região Sudeste e Sul os serviços empresariais são os principais enquanto nas demais regiões a importância do comércio de mercadorias e da prestação de serviço é maior.

São Paulo é, claramente, o pólo de serviços do Brasil seguido pelo Rio de Janeiro. A região sudeste, sozinha, detém mais de 85% das exportações de serviços do país, sendo

que São Paulo responde por 53,8% das exportações e o Rio por 30,7%. A Bahia é o único Estado fora do eixo sudeste - sul que apresenta

Tabela 16- Principais Estados Exportadores- 2006

<b>Principais Estados Exportadores - 2006</b>	
Estados	Part. - %
São Paulo	53,8
Rio de Janeiro	30,7
Minas Gerais	3,2
Paraná	2,5
Rio Grande do Sul	1,8
Bahia	1,4

Fonte: BRASIL, 2007

O mesmo ocorre nas importações totais do país. A região sudeste responde por mais de 80% das importações correspondendo aos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro 40,9% e 40,6% respectivamente. Observando a tabela percebe-se a grande concentração regional existente, de modo que apenas seis Estados respondem por mais de 90% das importações brasileiras.

Tabela 17 -Principais Estados Importadores- 2006

<b>Principais Estados Importadores - 2006</b>	
Estados	Part.%
São Paulo	40,9
Rio de Janeiro	40,6
Minas Gerais	3,8
Paraná	3,5
Distrito Federal	2,4
Rio Grande do Sul	2,1

Fonte: BRASIL, 2007

Ainda de acordo com o Panorama de Nacional de Serviços nota-se que o setor interno de serviços é basicamente concentrado em micro e pequenas empresas. A participação destas na composição no total das empresas do setor de serviços é crescente, registrando em 1985 95,5% do total das empresas do setor e em 2001 97,6 %. Na distribuição do pessoal ocupado do setor de serviços em 1985 49,3% estavam trabalhando em médias e grandes empresas contra 50% em micro e pequenas empresas. Já em 2001 as médias e grandes empresas correspondiam a 39,2% do pessoal ocupado e às micros e pequenas 60,8%. (BRASIL, 2007)

Além disso, a participação das micro e pequenas empresas na receita do setor de serviços é inferior a 22,0%. As médias e grandes empresas são responsáveis por aproximadamente 78,0% das receitas. Assim nota-se que o setor de serviços é basicamente composto por micro e pequenas empresas que absorvem a maior parte dos empregos mais que respondem por uma parcela pequena das receitas. (BRASIL, 2007)

As empresas que realizam operações internacionais estão em sua maioria dentre as médias e grandes empresas do setor. O número destas é pequeno mais vem aumentando ao longo dos anos. Elas buscam ainda um posicionamento efetivo nos negócios mundiais. Em 2004 o número de empresas exportadoras era de 20.234, em 2005 este número passou para 21.433 e em 2006 atingiu 23.605. Já as empresas importadoras passaram de 13.894 em 2004 para 15.824 em 2005 e 17.137 em 2006. (BRASIL, 2007)

Segundo o relatório da Federação de Serviços de São Paulo (FESESP), dentre as empresas de serviços com maior cultura exportadora destacam-se as empresas de construção civil, visto que, atuam no mercado internacional há mais tempo. A Odebrecht, por exemplo, mantém oito unidades no exterior e conta com 75% da sua receita proveniente de obras realizadas fora do país. Além destas, empresas do setor financeiro, com grandes bancos que devem expandir sua atuação em locais onde há concentração de brasileiros como EUA e Japão; empresas de turismo, audiovisual e serviços profissionais vem, nos últimos anos, expandindo suas atividades no mercado externo.

Apesar de apresentar melhorias em seus indicadores e do acordo do GATS o comércio internacional brasileiro, não avançou muito na direção de uma visão mais moderna do papel dos serviços e do grau em que eles podem alterar negociações e liberalizações tradicionais baseada no abaixamento das barreiras tarifárias sobre os bens agrícolas e manufaturados. A atenção concedida a este setor nos debates econômicos ainda é muito pequena frente às necessidades existentes como observa Renato Flores:

Apesar de muitos concordarem com a dependência que temos dos serviços e de quase todos saberem que a nossa economia já tem quase 60% de seu pessoal ocupado e que responde por 54% do PIB, continuamos a pensar e agir como se os mesmos caíssem do céu, ou fossem algo menor e auxiliar. O mundo econômico real sendo composto por agricultura, pecuária e manufatura. (FLORES JR., 2007, p. 40.)

Percebe-se também que grande parte de sua variação decorre de variáveis como câmbio, balança comercial de bens ou de incrementos específicos de alguns itens da conta de serviços (ex: alugueis de equipamentos). Apenas poucos itens apresentam uma tendência de crescimento baseado no desenvolvimento do setor e numa maior competitividade. A maioria dos segmentos apenas reage a alterações de variáveis externas ao setor e não apresenta mudanças estruturais.

Portanto observa-se a necessidade de uma atenção maior por parte do governo nacional no sentido do fomento à expansão dos demais serviços comerciais diminuindo a forte concentração que caracteriza o setor. Para isso faz-se necessário a identificação dos principais entraves ao desenvolvimento deste e a elaboração de estratégias de inserção no mercado mundial.

#### **4 PRINCIPAIS ENTRAVES AO COMÉRCIO INTERNACIONAL DE SERVIÇOS DO BRASIL**

#### 4.1 ASPECTOS ECONÔMICOS;

Serviços são insumos importantes para toda atividade econômica, e assim a melhora em sua qualidade poderia se traduzir em um aumento de produtividade em todo o sistema econômico. Um crescente volume de serviços é requerido para a produção, manutenção e operação de bens manufaturados. A produtividade do setor de serviços influencia as exportações de mercadoria. Serviços de rede, como por exemplo, transporte, comunicações, finanças e seguros compõem a infra-estrutura para exportação de bens e afetam a competitividade na produção e entram na composição final do preço dos produtos.

Nas últimas décadas houve uma grande externalização das atividades de serviços na manufatura, antes executadas internamente (terceirização). Esses serviços para as empresas hoje representam cerca de 10% do emprego, e 14% do valor adicionado. Essa forte relação entre serviços e manufatura tem importantes implicações para os países.

O setor é o segmento de sustentação do crescimento econômico e social dos países desenvolvidos, vem expandindo seu crescimento em vários países, inclusive naqueles menos expressivos economicamente no cenário mundial e no Brasil já suplanta a contribuição da indústria e da agricultura no seu conjunto e alcançou em 2006 algo como 60% do PIB. Desse modo, a importância do tema chama a atenção para a necessidade de mobilizar os setores públicos e privados quanto a uma necessidade de se construir e implementar uma política nacional de exportação de serviços. (SILVA, 2006)

É preciso ter cautela na proposição de políticas para o setor de serviços que resultem em ganhos efetivos. A promoção das exportações de serviços no Brasil é importante para atenuar a pressão deficitária dos saldos da conta de serviços sobre o déficit em transações correntes. No entanto no médio prazo, a principal contribuição continuará vindo da balança comercial. Sob esse prisma, a promoção das exportações de serviços deve ser entendida como um meio também de induzir maior eficiência aos setores domésticos, propiciando externalidades positivas para os setores produtivos de forma geral. Em adição a presença das negociações multilaterais exige um conhecimento mais detalhado dos mercados brasileiros e do exterior. (PEREIRA, 2001, p.594)

Ao se discutir a política de exportação no Brasil observa-se uma falta de formulações direcionadas e específicas para o setor. No desenho da política econômica nacional o

papel das exportações esteve de forma geral associado á necessidade de produção de superávits comerciais para reduzir o grau de vulnerabilidade da economia. A geração de saldo positivo na balança comercial, portanto foi considerado fator fundamental para a queda do déficit em transações correntes do balanço de pagamento e mesmo mais recentemente para a formação de resultado positivo em conta corrente.

Dentro deste cenário a elaboração de políticas para o comércio de serviços fica em plano secundário, visto que, o comércio de mercadorias detém uma maior importância para o país e desta forma concentra os esforços governamentais. A política para o comércio exterior de serviços do Brasil encontra-se então de forma agregada e inserida apenas na política de comércio nacional e na política de exportação de modo geral, nas quais suas particularidades não são observadas.

O comércio internacional de serviços brasileiro apresenta-se, assim, apenas como um segmento do balanço de pagamento, sem registrar ao longo do tempo uma política própria de desenvolvimento nem um olhar mais apurado por parte do governo. Só no final da década de 90, no contexto do aumento da vulnerabilidade externa da economia brasileira, é que ganhou força o debate sobre a política de exportações brasileiras e dentro dela a de serviços e suas fraquezas.

A primeira dificuldade no comércio de serviços é que este é composto por uma diversidade de setores com características distintas. Serviços empresariais, transporte, viagens possuem exigências específicas que não podem ser atendidas com medidas de caráter geral. Assim, políticas de promoção do setor devem pautar-se em diretrizes específicas e não em pacotes promocionais que deixam de abarcar as particularidades de cada tipo de serviço. (OLIVEIRA Jr. 2005)

De todo modo, a política de promoção do comércio exterior de serviços deveria deixar de ser pensada apenas em termos de equilíbrio das contas externas e passar a ser considerada como elemento de transformação da inserção brasileira no cenário internacional.

As empresas de serviços oferecem tecnologias e dão apoio necessário a muitas outras indústrias. Um país sem uma posição favorável em serviços perderá cada vez mais em renda nacional, bem como em vantagens para a posição competitiva de outras indústrias. (...) a falta generalizada de vantagem

competitiva na indústria de serviços de um país pode ser um obstáculo sério para a produtividade nacional e o crescimento da produtividade. Os serviços representam parcela substancial do emprego em praticamente todos os países. A baixa produtividade em serviços devido à menor rivalidade, regulamentos restritivos, propriedades governamentais e outras causas representam limitação a renda percapita. A abertura de indústrias de serviços à competição interna e internacional é essencial não só para estimular a produtividade como também para promover o desenvolvimento do país. (POTTER, 1975, pp. 312).

A necessidade de o Brasil aumentar sua participação no mercado mundial esta associada tanto como a ampliação dos fluxos de comércio quanto com a internacionalização das empresas. Benedicto Fonseca Moreira, presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB) ressalta que no caso do Brasil a importância do setor de serviços vai muito além e pode ser definida por algumas necessidades fundamentais:

1-Reduzir os crescentes déficits nas contas serviços e rendas do Balanço de Pagamento em transações correntes. 2- aproveitar a capacidade de utilização de mão de obra não aproveitada e mesmo liberada por tradicionais setores empregadores como indústria e agricultura, em consequência de avanços tecnológicos. 3- absorver tecnologias e ampliar a produtividade estimulando novos conhecimentos. 4- garantir e sustentar a exportação de mercadorias para o que é setor determinante. 5- facilitar e promover a integração nacional e regional. (MOREIRA, 2006)

Todos esses fatores já seriam suficientes para que o setor de serviços ganhasse junto ao debate econômico nacional e principalmente junto aos formuladores de políticas publicas uma maior atenção do que a verificada atualmente.

Ainda segundo Moreira, a visão deformada do poder público que marginaliza o setor de serviços como um todo, apesar de ser o único com capacidade para absorver o excedente da mão de obra dos setores agropecuário e industrial, aliada à falta de informação sobre o que são serviços e sua importância no mundo e no país coopera para a persistência das dificuldades ao crescimento do comércio de serviços.

Não há política ou sequer, esforço para avaliar os fatores limitadores que represam o potencial de serviços do país. Menos ainda qualquer iniciativa que vise à coordenação para equacionar e superar os fatores inibidores. (MOREIRA, 2006 p.4)

As principais causas para o setor de serviços não crescer como deveria podem ser sustentado em três pilares: falta de linhas de financiamento a longo prazo, valor da carga tributária e a grande quantidade de impostos pagos sobre funcionários registrados em regime CLT – consolidação das leis trabalhistas. (NESSE, 2006)

As condições de financiamento existentes no mercado hoje para o setor não supre a necessidade que a área precisa. O atual modelo brasileiro foi criado em 1997 com a instituição da Seguradora de Crédito à Exportação (SBCE), que é uma empresa privada. Em 1999, foi introduzido o Fundo de Garantia às Exportações (FGE), com aporte de recursos do governo, o que viabilizou financiamentos de longo prazo. Além deste, existe o Programa de Financiamento das Exportações (PROEX), programa do governo federal para financiar as exportações brasileiras de bens e serviços através do Banco do Brasil. Ambos os programas se destinam às exportações de bens e serviços e são atualmente insuficientes para cobrir as exportações de bens e serviços. (NESSE, 2006)

O setor de serviços de tecnologias de informação é um dos únicos a apresentar um programa específico, voltado para atender às particularidades do segmento, o Programa para o Desenvolvimento da Indústria de *Software* e Serviços de Tecnologia da Informação – PROSOFT.

Atualmente, para que o banco financie uma operação de exportação de serviços de construção, por exemplo, a companhia brasileira tem de se comprometer a adquirir do Brasil um mínimo de 35% dos materiais que utilizará no projeto. O índice já foi de 65% no passado, o que inviabilizava ainda mais iniciativas, principalmente se o projeto não demandasse um grande volume de bens. (NESSE, 2006)

No Brasil, o conceito de exportação de serviços busca ainda uma adequação e compreensão, inclusive, dos agentes de governo. A ideia de que alguém busque financiamento para viabilizar a venda de uma solução tecnológica ou a construção de uma ponte no exterior é ainda confusa para os órgãos fomentadores como o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

A explicação para essas limitações é que, como a estrutura do comércio exterior no Brasil é baseada na exportação de bens, a compra de produtos brasileiros é vista como a garantia de que serão gerados empregos e demanda no país. Aparentemente, esta



preocupação é desnecessária, pois as principais construtoras do país com atuação no exterior naturalmente geram demanda pelo serviço de outras de empresas. Muitas delas começam de forma tímida, trabalhando apenas para a construtora que a contratou. Em pouco tempo expandem a sua atuação para outros clientes estrangeiros. Só a Odebrecht, que em 2005 faturou mais de US\$ 2 bilhões fora do Brasil, trabalha com cerca de 1 700 parceiros exportadores. A expectativa das construtoras que exportam serviços é de que a imposição de cotas a serem importadas do Brasil será futuramente extinta dos contratos de financiamento para exportação de serviços. (NESSE, 2006)

Atualmente, dos 35 setores de serviços cadastrados pelo Banco Central, apenas 19 podem obter financiamentos especiais para exportação. O governo quer sistematizar os dados do setor para divulgar uma balança comercial de serviços, a partir de 2008. (FEDERAÇÃO DE SERVIÇOS DE SÃO PAULO, 2006)

No mercado, o sistema bancário avalia que o setor não tem condições de dar garantias de pagamentos para linhas de crédito de longo prazo. Ainda segundo Nesse, para conseguir um financiamento a única forma que os bancos aceitam como comprovação de faturamento são as notas de prestação de serviços. O presidente acredita que “o setor precisa de um fundo de ações específicas para o segmento respeitando as peculiaridades do serviço que a empresa oferece.”

A carga tributária paga por cada ramificação do setor de serviços também é considerada um grave problema. A partir da década de 60 a carga atingiu 25% do PIB. Com algumas oscilações, veio numa crescente ate atingir 30% do PIB na década de 90.

O setor é um dos mais onerados pelos tributos, contribuindo com 30% a 40% do montante arrecadado. Os principais tributos que compõem a carga tributária do setor de serviços são o ISS (imposto sobre serviço) a COFINS (contribuição financeira social), o IRPJ (imposto de renda pessoa jurídica) e a CSLL (contribuição social sobre o lucro líquido). Somados à CPMF (contribuição provisória sobre movimentação financeira) e a contribuição patronal ao INSS. (NESSE, 2006)

O trabalho produzido pela Fundação Getúlio Vargas (FGV, 2004) desmente o consenso existente de que o segmento de serviços detém uma carga de impostos inferior ao da indústria. O estudo mostra que o setor contribui com 32% da arrecadação tributária

bruta. O comércio, que também é prestador de serviços, responde por 12%. A indústria tem uma participação de 30% dos tributos arrecadados.

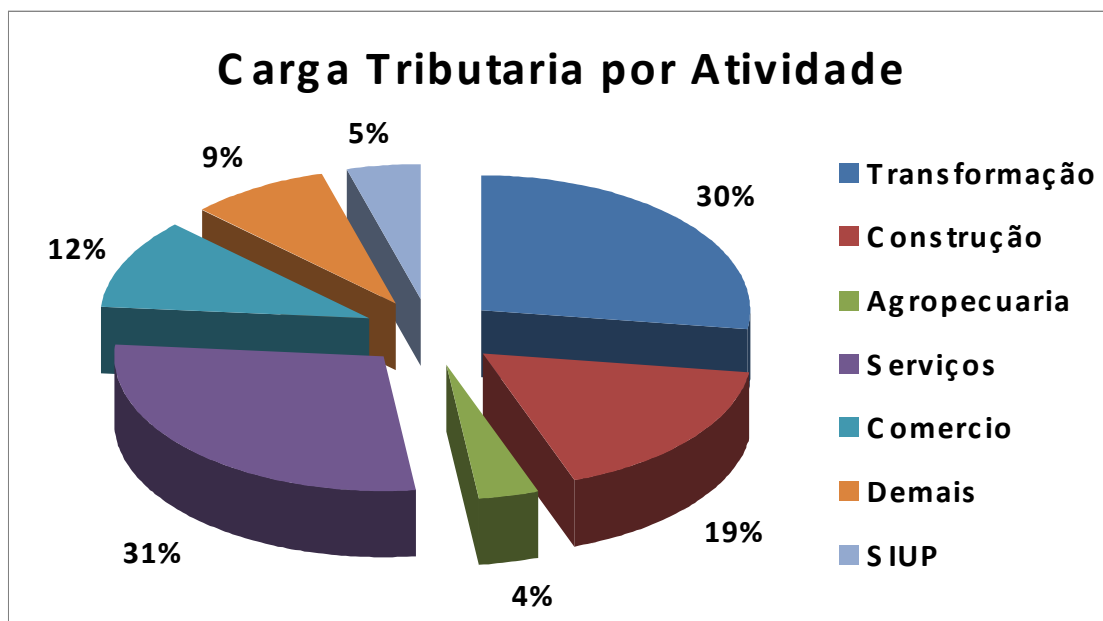


Gráfico 5- Carga Tributária por Atividade

Fonte: FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, 2004

O conceito que vigora segundo Marcos Cintra, economista e professor da FGV, é que o setor de serviços paga menos impostos porque sobre ele não incide o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) e paga a mesma contribuição previdenciária de qualquer outro setor (INSS) e por isso deveria ter sobre o valor agregado uma tributação pelo menos igual à do setor industrial. O estudo mostrou que o setor de serviços paga mais imposto. Esse imposto a mais vem basicamente dos encargos sociais porque o setor de serviços tem uma elevada participação de mão de obra. (CINTRA, 2006)

Em relação ao PIB de cada setor o trabalho da FGV mostra que até 2004 os impostos oneraram o segmento de serviços em 32%, o comércio em 37% e a indústria em 31%. (FGV, 2004)

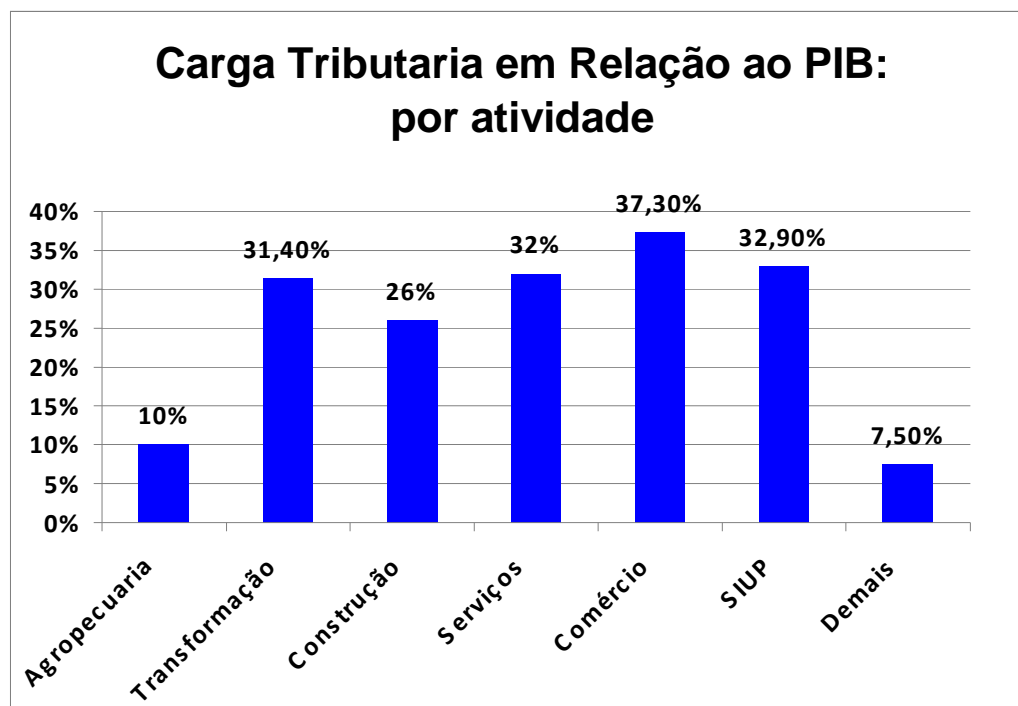


Gráfico 6 – Carga Tributária em Relação ao PIB: por atividade

Fonte: FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS, 2004

Para Cintra, existe um temor por parte dos governantes de que uma mudança na legislação sobre os tributos influencie nos números do superávit primário (diminua a arrecadação). A burocracia brasileira é um obstáculo histórico. Ela atinge todas as atividades econômicas em especial o setor de serviços.

O peso do segmento de serviços na economia mostra o quanto será danoso a elevação de seus custos tributários como vem ocorrendo. O comprometimento do governo, dos parlamentares e do setor produtivo com o crescimento econômico e a geração de empregos demanda um sistema de impostos mais simples, que distribua o ônus tributário de modo mais equânime e com custos menores. Penalizar o segmento de serviços com mais impostos é falta de bom senso num país que precisa crescer e gerar empregos. (CINTRA, 2003 p. 3)

Uma reforma da legislação trabalhista que flexibilize a folha de pagamento é de grande importância para o melhor desempenho do setor, segundo especialistas. Em algumas empresas do setor de serviços os pagamentos em folha chegam a representar 80% das despesas devido ao alto custo para manter um trabalhador registrado. “O custo de um trabalhador registrado pode chegar a cerca de 100% do seu salário.” afirma Cintra 2006.

E por conta destes entraves algumas empresas trabalham na informalidade. Estima-se que mais de 10 milhões de companhias do setor operem dessa maneira (IBGE, 2004). Algumas adotam medidas que diminuem um pouco o valor destinado à carga tributária como, por exemplo, o regime de cooperativas por exemplo. Essa burocracia prejudica principalmente as exportações. Com tantos impostos, o Brasil não consegue um preço competitivo no mercado internacional.

Outro fator, de menor importância, mas que também se configura como um entrave ao desenvolvimento do setor é a existência de uma cultura difundida onde empregos em serviços são considerados como um tipo de trabalho inferior, inibindo dessa forma o investimento e a iniciativa no crescimento do mesmo resultando numa falta de visão estratégica. (MALMGREN, 2000)

O papel dos serviços na economia firmou-se na opinião pública durante a era pré-industrial. Serviços prestados às famílias como, por exemplo, os prestados, pelas empregadas domésticas juntamente, com a educação e serviços comunitários prestados pelo setor público são chamados de serviços pessoais. Estes, por definição tradicional, envolvem uma relação de um por um entre o fornecedor do serviço e o receptor, e por isso a sua produtividade geralmente não pode ser aumentada pelo capital e tecnologia. Em consequência, por muito tempo, empregos no setor de serviços pessoais foram discriminados por apresentar uma remuneração inferior aos demais setores. (MALMGREN, 2000)

Porém com o desenvolvimento tecnológico os empregos na área de serviços passaram da extremidade inferior do espectro econômico para a extremidade superior com profissões altamente especializadas e remuneradas. Mas essa mudança não foi observada em todos os lugares. Os serviços que utilizam pessoal não qualificado ainda hoje constituem parte significativa do setor nas sociedades em desenvolvimento empregando grande parcela da população e os serviços especializados acabam sendo importados dos países desenvolvidos, contribuindo para a manutenção do pensamento errôneo de que os serviços são secundários na geração de renda e valor agregado para o país.

Além do mais a tecnologia da prestação de serviços posta à disposição dos países em desenvolvimento pode ser apropriada para criar empregos e reduzir importação, mas provavelmente não tem força competitiva para alcançar êxito nos mercados mundiais. (MALMGREN, 2000)

Assim, países como o Brasil em vez de estimular o desenvolvimento de tecnologias de prestação de serviço, valem-se das oportunidades de receber tais tecnologias dos países desenvolvidos e aplicá-las, formando ilhas modernas de alta produtividade sem desenvolver nacionalmente um ambiente que incentive o crescimento das empresas nacionais e sua produtividade pulando estágios importantes para sua consolidação.

Outra característica importante observada no setor de serviços diversos é que, muitas vezes os serviços exportados pelas empresas não correspondem à sua atividade principal no mercado doméstico, sobretudo nos itens serviços bancários e administrativos e serviços técnicos especializados. Entre as 10 maiores empresas estão as que atuam no mercado doméstico em diferentes setores de serviços ou no setor industrial, sendo que a maioria delas registra elevadas exportações de mercadorias causando um obscurecimento dos problemas setoriais. (IPEA, 2001). “Situam-se nessas categorias as empresas que adquiriram instituições financeiras, o que resulta em sua transformação em empresas também de serviços”. (MALMGREN, 2000, p. 28)

Estas instituições estão procurando atingir uma capacidade abrangente de prestação de serviços, redefinindo seus papéis e tentando ampliar seus nichos de mercado. Na busca de novas oportunidades ocorreram diversas fusões de conglomerados de grande porte, reunindo bancos, instituições financeiras, e instituições não financeiras e não bancárias. Várias forças entram em jogo nessas aglomerações: a busca de redução da carga fiscal em conjunto com a expansão e a busca de novos empreendimentos nas áreas de gerência financeira, arrendamento mercantil e seguro. (MALMGREN, 2000)

Dessa forma percebe-se que significativo número das empresas brasileiras que exportam serviços tem seu ramo de atividade principal em outro nicho, sendo o setor de serviços um segmento de segunda importância na empresa. As empresas que efetivamente trabalham no setor de serviços se configuram com um potencial exportador inferior evidenciando a fragilidade do setor.

## 4.2 ASPECTOS ORGANIZACIONAIS E ESTRUTURAIS

Numa análise preliminar observa-se claramente um grande entrave ao maior dinamismo do comércio exterior de serviços. Para o desenvolvimento deste é indispensável conhecer melhor o perfil dos serviços brasileiros para entender suas peculiaridades, identificar gargalos e criar mecanismos para o seu desenvolvimento e crescimento contínuo. Todo o processo de planejamento, tanto empresarial quanto governamental, passa necessariamente pela elaboração de um sistema de consulta aos dados estatísticos do comércio exterior brasileiro de serviços. Para isso, a produção de estatísticas é fundamental para a formulação de políticas públicas para o setor terciário da economia, o que no Brasil ainda começa a existir de forma atualizada e periódica.

Apesar de sua crescente importância, faltam informações para o estudo da evolução dos serviços estratégicos no Brasil. “Somente quando conhecermos exatamente os setores poderemos incentivar de vez as vendas de serviços” (FEDERAÇÃO DE SERVIÇOS DE SÃO PAULO, 2006)

O Banco Central disponibiliza as séries históricas do BP brasileiro que constitui a principal fonte de informação oficial sobre o comércio exterior de serviços nacional. Além disso, órgãos e instituições independentes como universidades, centros de estudos independentes e a CNS apresentam estudos setoriais sobre o tema, mas que não abarcam com profundidade as principais questões do comércio de serviços ou não abrangem todo o território, sobretudo pela falta de informações acerca deste comércio em âmbito nacional e internacional.

Um primeiro esforço para a mudança deste quadro foi realizado em 2006 pelo governo. Foi realizado no Rio de Janeiro no dia 7 de julho de 2006 o primeiro Encontro Nacional de Comércio Externo de Serviços (Encoserv) pelo ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, em exercício, Luiz Fernando Furlan. Nesse encontro foi apresentado o Panorama do Comércio Internacional de Serviços, primeira publicação a apresentar dados consolidados do setor de serviços no país. Nele são expostos dados referentes ao comércio externo de serviços brasileiro a partir do ano 2000. A

compilação foi organizada pela Secretaria de Comércio e Serviços do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) atendendo a uma antiga reivindicação do setor empresarial, carente de dados que pudessem embasar uma política nacional para o setor.

A intenção da Secretaria de Comércio e Serviços é transformar o panorama em uma publicação periódica com dados atualizados relativos à exportação de serviços, assim como a já existente Balança Comercial de bens e produtos. A publicação pode ser acessada no site do MDIC ([www.desenvolvimento.gov.br](http://www.desenvolvimento.gov.br)).

Foi criada também uma câmara de comércio específica para a área de exportação de serviços. Segundo o ministro, a Câmara seria um ambiente de debate e proposição de medidas de políticas públicas

A Câmara de Exportação de Serviços foi desenvolvida para ser um órgão consultivo coordenado pela Secretaria de Comércio e Serviços do MDIC e pela AEB. Ela é dividida em seis grupos temáticos: financiamento e crédito; desburocratização; serviços de transporte e logística; negociações internacionais; tributação; e sistema integrado de estatísticas. (BRASIL, 2007)

Outras medidas em prol do setor também foram anunciadas no encontro, como a criação de um sistema de aferição voltado para serviços. Por meio deste sistema, chamado Siscoserv (Sistema Integrado de Comércio Externo de Serviços), espera-se que seja possível integrar as atividades exercidas pelos setores, público e privado nas operações externas de compra e venda de serviços.

Outra função do Siscoserv é estruturar um banco de dados com todas as informações sobre o intercâmbio externo de serviços, que ficarão disponíveis na Internet, possibilitando que o usuário faça consultas periodicamente de qualquer computador com acesso à rede. (BRASIL, 2007)

Segundo Furlan, as competências do setor de serviços existem, mas estão dispersas e esse é o momento certo. "Temos de agregar as informações, trabalhar em conjunto com outros setores". O ministro disse ainda que, com as medidas apresentadas, será possível

abrir espaço para que empresas brasileiras exportem cada vez mais seus serviços. (BRASIL, 2007)

Moreira, presidente da Associação AEB, instituição parceira do MDIC no Encoserv, frisou que o setor é grande gerador de empregos e que precisa de incentivos para crescer ainda mais:

É fundamental massificar as informações sobre serviços. Abrir e divulgar as estatísticas dessas exportações parece o caminho inicial para a conscientização dos problemas e a valorização da atividade. A criação do SISCOMEX-serviços, como ação inicial, de importância impar em negociações internacionais, ora presentes, é medida que se impõe como prioridade.

A ineficiente comunicação entre governo e a iniciativa privada para delinear uma trajetória para alavancar as exportações brasileiras de serviços também se configura como um grande entrave à expansão deste setor. Por pautar a política de exportações sobretudo no comércio de bens e relegar os serviços a uma posição secundária, a parceria entre o governo e empresários fica aquém da necessária para o crescimento do setor. (MOREIRA, 2006)

O setor privado pode ajudar a eliminar as restrições e ampliar o acesso a mercados. Uma maior participação do setor privado poderia ampliar as bases de informações sobre as fragilidades e pontos fortes do setor nacionalmente de modo que as negociações internacionais ganhariam maior eficácia, principalmente nos casos em que fosse possível a identificação de setores de interesse dos exportadores brasileiros. Uma iniciativa conjunta do governo com o setor privado nesta tarefa de identificação de restrições às exportações é considerada fundamental para que o Brasil tenha um melhor desempenho na OMC e demais foros de negociação comercial e, conseqüentemente, um maior acesso aos mercados internacionais de serviços. (MOREIRA, 2006)

Nesse sentido, para se construir e implementar uma política de exportações para o setor de serviços, é necessário que o governo analise, aprecie e adote propostas e sugestões apresentadas pelo setor privado nacional. (MOREIRA, 2006 p. 4)

A trajetória desenhada para as exportações dependerá em grande parte do gerenciamento a ser realizado com o propósito de aumentar a produtividade. Para isso a



aproximação e diálogo com o setor privado apresenta-se como urgente para a adoção de políticas setoriais baseadas na representatividade no setor de serviço, seja como serviços exportados ou como potencial a ser desenvolvido, bem como nos problemas identificados proporcionando uma maior eficácia e conseqüentemente ganhos de competitividade em serviços. (MOREIRA, 2006)

A AEB entende que somente no âmbito de uma política para a exportação de serviços será possível eliminar os inúmeros entraves que atuam como barreiras e assim começar a pensar uma agenda de apoio ao programa de exportações de serviços. Uma agenda que proponha principalmente mecanismos de garantia, financiamentos e apoio a projetos básicos para permitir uma oferta mais flexível de garantias e logo ampliação do financiamento, reforma da carga tributaria brasileira, desoneração da folha de pagamento e outras medidas que desafoguem o setor.

Fora as graves e sempre presentes questões sociais, hoje a maior ameaça ao nosso desenvolvimento, onde gargalos incontáveis podem subitamente se revelar, está no setor de serviço. Há que abandonar a tradicional postura e investir nessa área em esforço que vai desde o plano das idéias ate uma auditoria dos setores sistêmicos empreendendo um trabalho de aprimoramento técnico, econômico e jurídico do seu funcionamento (FLORES, 2007 p. 40).

Ainda segundo Renato Flores a boa noticia é que estaria lentamente emergindo uma nova cultura exportadora, ou seja, para uma parcela das empresas a atividade de exportação passou a ser perene e o mercado internacional já faz parte de sua estratégia competitiva. O desafio que se coloca é o conhecimento de novas oportunidades que estariam surgindo associadas a novas formas de tecnologias e a abertura de mercados no âmbito dos acordos regionais e multilaterais.

Para isso é necessário o investimento em mão-de-obra qualificada e infra-estrutura, bem como uma avaliação detalhada dos marcos regulatório. A participação ativa nas negociações sobre o comércio de serviços também é essencial para assegurar a expansão das exportações do setor.

O apoio do governo seria importante também para promover uma maior diversificação dos mercados de exportações, sendo preciso averiguar as oportunidades, sobretudo nos mercados latinos e na produção de marcos regulatórios promotores de competitividade. Explorando e incentivando mais o potencial de crescimento do setor exportador de

serviço, agregado aos demais setores, o país pode apresentar ganhos de competitividade importantes em sua trajetória no comércio internacional.

## 5 CONCLUSÃO

O comércio internacional de serviços continua crescendo a taxas significativas. Entre 2000 e 2006, as exportações mundiais de serviços cresceram a uma taxa média 10%, registrando apenas um por cento a menos do que taxa de crescimento das exportações de mercadorias no mesmo período. O fluxo mundial de serviços, em 2006, totalizou US\$ 2,7 trilhões, o que representa 23% do comércio mundial de bens, de US\$ 11, 762 trilhões.

A percepção sobre a relevância das atividades de serviços na geração de renda e riqueza nas economias modernas vem se ampliando. As atividades terciárias são por essência propulsoras do desenvolvimento econômico, pois aumentam a competitividade interna e internacional, geram empregos qualificados e aceleram o progresso tecnológico.

Dessa forma o Acordo Geral de Comércio sobre Serviços firmado em 1994 na Rodada do Uruguai visa promover uma maior eficiência nas transações mundiais e facilitar a expansão do setor que desponta com grande dinamismo e importância no cenário atual internacional. Muitos países como Índia e China vêm apresentando significativos saldos comerciais neste setor impulsionando o desenvolvimento de suas economias.

O Brasil, por sua vez, caminha a passos lentos e registra fraco desempenho neste segmento comercial de destaque mundial. Somente na última década o país conseguiu registrar uma participação superior a 10% destes no total dos seus fluxos comerciais. O déficit da conta de serviços quase que dobrou no último ano passando para US\$ 9, 206 bilhões em 2006 e o país representou apenas 0,7% das exportações e 1% das importações mundiais de serviços. Além disso, as exportações do setor encontram-se mais concentradas do que no comércio de mercadorias.

Analisando o desempenho nacional é de fácil percepção a existência de grandes entraves ao desenvolvimento deste. Muitos são os problemas enfrentados pelos setores brasileiros para a promoção da expansão dos fluxos comerciais de serviços. A formulação da política de exportação, como instrumento de estabilização macroeconômica, distancia está do alcance dos objetivos de desenvolvimento e crescimento dos serviços já que não leva em conta suas especificidades comerciais.

O brasileiro foi treinado a entender o comércio exterior como um conceito que envolve a compra e venda de mercadorias. A geração de receitas decorrente da venda do serviço não depende do processo físico de exportação (logística de portos, preços das *commodities* dentre outros) e contribui para aliviar a infra-estrutura nacional. A maioria das empresas de serviços vende conhecimento.

Há muito que fazer nesse campo, a começar por uma reestruturação dos conceitos que norteiam a política de empréstimos oficiais, que possuem atualmente, normas e logística baseadas numa história de exportação de produtos.

As condições de financiamento existentes no mercado para o setor de serviços são insuficientes e burocráticas. A grande incidência de tributos sobre o setor de serviço inibe maiores investimentos na atividade e dificulta a expansão das empresas do ramo, de modo que muitas empresas migram para a informalidade. Em adição, a onerosa folha de pagamentos atinge significativamente o setor que abriga a maior quantidade de empregos formais do país.

A falta de informações disponíveis sobre o setor configura-se como o primeiro deles. É essencial um instrumental estatístico atualizado para a realização de um planejamento em longo prazo e para a formulação de políticas comerciais eficazes. Além destas, outras causas podem ser apontadas para a insignificante participação brasileira neste segmento do comércio mundial. O caminho para adquirir vantagens competitivas passa por uma modificação do foco da política comercial brasileira e principalmente no investimento em pesquisa e desenvolvimento, educação básica e superior e treinamento de mão de obra.

É preciso explorar setores em que o país parece apresentar vantagens competitivas no mercado mundial como, por exemplo, o de construção civil. Só assim poderá buscar no longo prazo uma alteração da estrutura da conta de serviços nacional e assim aumentar sua inserção neste comércio mundial, proporcionando um maior desenvolvimento econômico para o país e conseqüentemente diminuindo a sua vulnerabilidade externa.

O ponto de vista sobre produtividade deste ou daquele setor influencia a construção das visões socioeconômicas e conseqüentemente da opção política. O que torna a discussão

ainda mais importante é que cada ponto de vista sobre o problema implica opções diferentes de estratégias de desenvolvimento. A importância do setor de serviços reconhecida desmaterializa as estratégias de desenvolvimento atuais que devem ser repensadas. A sociedade só tem a ganhar ao incluir o segmento de serviços na formulação da política comercial de exportações. Novas estratégias de desenvolvimento poderão assim ser repensadas.

## REFERENCIAS

- BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Relatório Anual**, Brasília. 2007.
- \_\_\_\_\_. **Relatório Anual**, Brasília. 2006.
- \_\_\_\_\_. **Relatório Anual**, Brasília. 2005.
- \_\_\_\_\_. **Relatório Anual**, Brasília. 2002.
- \_\_\_\_\_. **Relatório Anual**, Brasília. 2000.
- BARRAL, Welber. O acordo para serviços e os interesses brasileiros. **Valor Econômico**, São Paulo, 15 out. 2005.
- BAUMANN, R; CANUTO O; GONSALVES R. **Economia internacional: teoria e experiência brasileira**. Rio de Janeiro: Campus/ Elsevier, 2004.
- BLINDER, Caio. Multilateralismo de resultados. **Revista Primeira Leitura**, São Paulo, maio 2005.
- BRASIL.Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **Panorama do setor de serviços no Brasil**. Brasília, 2006.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **Serviços, panorama do comércio internacional**. Brasília, 2007.
- CINTRA, Marcos. Serviços: desonerar para crescer. **Especial Serviços**, São Paulo, n. 1, p. 3, 2006.
- COMISSÃO ECONOMICA PARA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **Panorama de la insercion internacional de América Latina y el Caribe**. 2000-2001. Santiago: Cepal, mar. 2002.
- DEMASI, João Otavio Benvides. O jogo de xadrez da diplomacia brasileira. **Revista de Direito Mercantil- Atualidades**. Edição 128, 2004.
- ESCUADERO, M. L. **El comércio internacional de serviços después de la ronda Uruguay**. Madrid: Editorial Tecnos, 1996.
- FEDERAÇÃO DE SERVIÇOS DE SÃO PAULO. O papel dos serviços na economia desenvolvida. **Especial Serviços**, São Paulo, p. 2, 2006.

FERNANDES, Doria. De olho no futuro. **Revista Conjuntura Econômica**, Rio de Janeiro, v. 60, fev. 2006.

FLORES Jr, Renato G. Somos competitivos? . **Revista Conjuntura Econômica**, Rio de Janeiro, set. 2005.

\_\_\_\_\_.Acabamos sempre esquecendo os serviços. **Revista Conjuntura Econômica**, Rio de Janeiro, p.49, set. 2007.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. **Carga tributaria sobre os serviços e os efeitos macroeconômicos da substituição da contribuição patronal ao INSS por uma CMF**. São Paulo: CNS/FESESP, 2004.

\_\_\_\_\_.ESCOLA DE ECONOMIA DE SÃO PAULO.  
**Carga tributaria por setores de atividades da economia brasileira**. São Paulo, 2003.

GONÇALVES, Reinaldo. **A nova economia internacional: uma perspectiva brasileira**. Rio de Janeiro: Campus, 1998. 391p.

\_\_\_\_\_.**Economia política internacional: fundamentos teóricos e as relações internacionais do Brasil**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

HALL, Peter. **Megacities**, worldcities and global cities. 1997. Disponível em: <[http://www.megacities.nl/lecture\\_hall.htm](http://www.megacities.nl/lecture_hall.htm)>. Acesso em: 5 out.2006.

HAUSER, Kathryn; FEKETEKUTY, Geza. Tecnologia de informação e comércio de serviços. Tradução Wilma Luachesi. **Revista Impact Economic**, n. 52, 2002.

IBGE. **Pesquisa anual de serviços-2002**. Rio de Janeiro: IBGE, 2004.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios**. Rio de Janeiro, 2004.

IMF. **Balance of payments statistics yearbook 2006**. Washington, 2007.

JANK, Marcos S. A OMC e as novas geometrias do mundo. **Jornal O Estado de São Paulo**, São Paulo, 2005.

KIRKLAND Jr, Richard I. São bons os empregos no setor de serviços na economia? **Revista Impact Economic**, n. 52, p.14, 2002.

KON, A. **Economia de serviços: teoria e evolução no Brasil**. Rio de Janeiro: Campus, 2004. 269 p.

LARSON, Alan. **Liberar para o comércio para combater a pobreza**. 2002. Disponível em: <<http://livrecomercio.embaixadaamericana.org.br/?action=artigo&idartigo=313>>. Acesso em: 15 jul. 2002.

LEVITAN, Sar A. Serviços e mudanças na estrutura a longo prazo. **Revista Impact Economic**, n. 52, p. 29, 2002.

LUGAR, Richard G. Equilíbrio entre livre comércio e protecionismo. Tradução Mario R. da Cruz. **Revista Impact Economic**, n. 54, p. 33, 2000.

MALMAGREN, Harald B. Negociação de normas internacionais para o comércio de serviços. Tradução Mario R. da Cruz. **Revista Impact Economic**, n. 54, p.27, 2000.

MOREIRA, Benedicto F. **A construção de uma política de exportação de serviços**. Rio de Janeiro: AEB, jul. 2006. (Texto para discussão).

NASSAR, Andre M; TACHINARDI, Maria Helena. **As coalizões de países em desenvolvimento e sua atuação na rodada de Doha da OMC**. Banco do Brasil, Edição 59, 2005.

NESSE, LUIGI. Os entraves burocráticos em serviços. **Especial Serviços**, São Paulo, n.1, 2006.

OLIVEIRA JR, Mario. **O comércio internacional de serviços: impactos de uma possível liberalização adicional**. IPEA/ Dimac. 2005.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE COMERCIO - OMC. **The agreements services: rules for the growth and investment**. Disponível em: <[http://www.wto.org/english/thewto\\_e/whatis\\_e/tif\\_e/agrm5e.htm](http://www.wto.org/english/thewto_e/whatis_e/tif_e/agrm5e.htm)>. Acesso em: 14 ago 2005.

\_\_\_\_\_. **International trade statistics**. 2007.

\_\_\_\_\_. **International trade statistics**. 2006.



\_\_\_\_\_. **International trade statistics**. 2005.

\_\_\_\_\_. **Manual de estatísticas do comércio internacional de serviços**. 2005.

\_\_\_\_\_. **The General Agreement on Trade in Services (GATS): objectives, coverage and disciplines**. Disponível em:

<[http://www.wto.org/english/tratop\\_e/serv\\_e/gatsqa\\_e.htm](http://www.wto.org/english/tratop_e/serv_e/gatsqa_e.htm)>. Acesso em: 25 mai. 2004

PEREIRA, Lia V. O comércio exterior de serviços no Brasil. **Revista Conjuntura Econômica**, Rio de Janeiro, p. 46, fev. 2006.

\_\_\_\_\_. A OMC e os acordos preferenciais. **Revista Conjuntura Econômica**, Rio de Janeiro, Abr. 2004.

\_\_\_\_\_. **Exportação de serviços comerciais brasileiros: desafios para a formulação de uma política comercial**. Rio de Janeiro: IBRE, 2001. 602 p.

\_\_\_\_\_. Solução de controvérsias na OMC. **Revista Conjuntura Econômica**, Rio de Janeiro, jul. 2004.

\_\_\_\_\_. Vantagens comparativas da conta de serviços. **Revista Conjuntura Econômica**, Rio de Janeiro, jan. 2005.

\_\_\_\_\_. Exportações de serviços no Brasil: o que os dados nos mostram. **Revista Conjuntura Econômica**, Rio de Janeiro, p. 46, out. 2007.

PORTTER, Michael E. **A vantagem competitiva das nações**. Tradução Waldemar Dutra. Rio de Janeiro: Campus, 1989. p. 283-321.

RIFKIN, Jeremy. **A era do acesso** – a transição de mercados convencionais para networks e o nascimento de uma nova economia. São Paulo: Makron Books, 2001. Cap.5.

SANTOS, Fabio. Tentáculos. **Revista Primeira Leitura**, São Paulo, maio 2005.

SHELP, KENT Ronald. Tecnologia de prestação de serviços e desenvolvimento econômico. **Revista Impact Economic**, n. 52, p 8, 2002.

SILVA, Alexandre M. (Org.) **Economia de serviços**: uma revisão de literatura.. Brasília: IPEA, abr. 2006. p. 32.(Texto para discussão).

SMITH, Michael B. O papel do bilateralismo na liberalização do comércio. Tradução Mario R. da Cruz. **Revista Impact Economic**, n. 49, 2002.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA. **Serviços estratégicos na região metropolitana de Salvador**: Salvador. 2004.147 p. (Série de estudos e pesquisas, n. 70).

WADDINGTON, Sergio da C; SOUZA, Carlos F; HORTA, Maria H. **Desempenho do setor de serviços brasileiro no mercado internacional**. Rio de Janeiro, 1998, p. 47. (Texto para discussão, n. 600).

